

ARTIST

Stefan Molyneux



Anarquia Cotidiana

Versão Gratuita

Freedomain Radio é o maior e mais popular programa de filosofia da web e foi eleito um dos Top 10 finalistas no 2007 Podcast Awards. Por favor, visite-nos em www.freedomainradio.com

O programa sobrevive inteiramente de doações voluntárias - se você achar esse livro prestativo, por favor faça uma doação em www.freedomainradio.com/donate.html

Para mais livros ou para comprar a versão em audio ou impressa (em inglês), por favor visite: www.freedomainradio.com/books.html

Você pode baixar mais livros gratuitos (em inglês) em www.freedomainradio.com/free.html

Sinta-se livre para distribuir esse livro para quem você achar necessário, mas por favor, não modifique o conteúdo

Stefan Molyneux, MA

Pelo mesmo autor

On Truth: The Tyranny of Illusion (em inglês)

Universally Preferable Behaviour: A Rational Proof of Secular Ethics (em inglês)

Real-Time Relationships: The Logic of Love (em inglês)

The God of Atheist (A Novel) (em inglês)

Disponível em: www.freedomainradio.com/books.html

Agradecimentos

Para a minha amada esposa Christina, que me ensina tudo o que é verdade e mostra-me tudo o que é possível...

Eu gostaria de agradecer a todos os ouvintes do Freedomain Radio pela sua paixão, generosidade e participação que tornaram esse livro - e todos os que virão - possíveis. Obrigado pelo presente que foi esse tempo.

Agradeço também aos meus mais importantes revisores: os “Philosopher Kings (Reis Filósofos)” em Freedomain Radio

Quaisquer erros que restarem são, claro, somente de minha responsabilidade.

Freedomain Radio é um dos mais populares podcasts sobre filosofia na internet e foi um dos Top 10 Finalistas no 2007 Podcast Awards.

Por favor visite Freedomain Radio em www.freedomainradio.com para mais podcasts e vídeos gratuitos - assim como pelo próspero message board.

The Freedomain Library, Volume 5 Versão 1.0, 29 de Abril de 2008

Tradução feita por Carolina C. Argento, Daniel Coutinho, Eric Lima, Erick Vasconcelos, Fabrício Akio, Juliano Torres, Robson da Silva, Russ da Silva e Talysson Kleinowski.

Formatação e revisão feita por Juliano Torres.

Para mais vídeos, livros e artigos originais e traduzidos visite: libertarianismo.org

Para quaisquer erros detectados na tradução, por favor comunicar-nos pelo e-mail: contato@libertarianismo.org

Portal Libertarianismo, Tradução Versão 1.0, Junho de 2012

Sumário

Introdução	4
Anarquia Cotidiana	8
Ambivalência e Intolerância	12
Anarquia e História	14
Anarquia e Ambivalência	16
Política e o Interesse Próprio	17
Auto-interesse e exploração	17
Os Barões Ladrões	19
Anarquia e Líderes Políticos	23
A Anarquia e a “Tragédia dos comuns”	26
Anarquia e Democracia	33
Anarquia e Violência	37
Anarquia e Guerra	39
A anarquia e a proteção	46
A anarquia e a moralidade	49
A anarquia e a educação	51
A anarquia e as reformas	54
A anarquia e as exceções	57
Anarquismo e Realidades Políticas	61
Os Desafios Sociais do Anarquismo	70
Anarquismo e a Academia	71
Acadêmicos e Voluntarismo	76
Anarquismo e Socialização	81
Anarquismo e Integridade	86
Posfácio	88

Introdução

É difícil saber se uma palavra pode ser reabilitada ou se a tentativa deve ser feita.

Palavras são armas e podem ser utilizadas como quaisquer ferramentas, para o bem ou para o mal. Nós todos estamos cientes dos usos de clichés como “terroristas” versus “guerreiros da liberdade”, etc. Um ateu pode ser chamado de “descrente”; um teísta pode ser chamado de “supersticioso”. Um homem de convicção pode ser chamado de “extremista”; um homem de moderação de “covarde”. O espírito livre pode ser chamado de libertino ou hedonista; um introvertido cuidadoso pode ser taxado de excessivamente formal.

Palavras também são armas de julgamento - primariamente de julgamento moral. Nós podemos dizer que um homem pode ser “livrado” de um pecado se ele aceitar Jesus; nós também podemos dizer que ele pode ser “livrado” da irracionalidade se ele não o aceitar. Um patriota irá dizer que um soldado “serve” seu país; outros podem levá-lo para a tarefa por sua obediência cega. Atos considerados “homicidas” em tempos de paz são saudados como “nobres” em tempos de guerra, e assim por diante.

Algumas palavras nunca poderão ser reabilitadas - e nem devem ser. Nazismo, mal, incesto, abuso, estupro, assassinato - todas essas são palavras que descrevem os impulsos mais negros da alma humana e nunca poderão ser tornados em coisas boas. Edmundo pode dizer em Rei Lear “Mal, tu és meu bem!”, porém, sabemos que ele não estava falando paradoxalmente; ele estava meramente dizendo “aquilo que chamam de mal - meu interesse pessoal - é bom para mim”.

A palavra “anarquia” talvez esteja além da redenção - qualquer tentativa de achar algo de bom nela pode ser completamente fútil - ou pior; o equivalente filosófico à cena cliché em dramas de hospital, onde o cirurgião cegamente recusa-se a desistir de um paciente claramente morto.

Talvez eu esteja engajado em tal procura inútil neste pequeno livro. Talvez a palavra “anarquia” tenha sido tão abusada ao longo da história, tão rejeitada ao buraco da perversidade humana que é possível que nunca seja livrada de seus males que supostamente a circundam.

Quais imagens aparecem em suas mentes quando vocês ouvem a palavra “anarquia”? Certamente aparecem revoltas insanas de violência e ilegalidade - um cenário pós-apocalíptico de cada um por si darwinista onde o forte e o mal dominam os mansos e justos. Ou talvez você veja isso como uma agenda política louca, uma fina cobertura ideológica para desejos homicidas e obsessões por assassinatos, onde homens de bigode, olhos arregalados, cabelo grosso e sotaque mais grosso jogam bombas de desenho animado sob as carruagens ornamentadas de monarcas que acenam lentamente para a multidão. Ou talvez você veja “anarquia” além de um espectro filosófico; uma visão assombrada e rancorosa de quase eternos estudantes de graduação viciados em cafeína; uma rendição niilística à tudo que é mal na natureza, um arremesso ao abismo da autolimitação, e um mergulho selvagem através do reino mágico do momento, sem regras, sem planos, sem um futuro...

Se um dia o seu filho adolescente chegar em uma tarde ensolarada e te disser que ele se tornou um anarquista, você sentiria-se impelido a verificar a mochila dele por tintura preta para cabelo, piercings novos, por máscaras e agulhas usadas. O anúncio dele provavelmente faria com que um alçapão abrisse embaixo do seu coração, onde teme que este continue caindo para sempre. As sílabas pesadas de palavras como “intervenção”, “medicação”, “reformatório” e “terapia intensiva” provavelmente acompanhariam o seu acelerado batimento cardíaco.

Tudo isso também pode ser, claro - eu talvez possa estar batendo no peito de um paciente doente há muito tempo destinado ao necrotério, mas certos... insights, você poderia dizer, ou talvez correlações, continuam a me incomodar imensamente e eu não posso abalar o medo de que não é a anarquia que encontra-se em cima da mesa, agarrando-se à vida - mas sim a verdade.

Eu tomarei um parágrafo ou dois e tentarei expressar o que me incomoda tanto sobre a possível injustiça de jogar a palavra “anarquia” no buraco do mal - e se eu não conseguir convencer você até o fim da próxima página que algo muito injusto possa estar ocorrendo, então eu terei de continuar minha tarefa de ressurreição com outros, pois eu não imaginei por um só momento que eu iria conseguir convencê-lo a chamar algo de bom que na verdade é algo mal.

E nem eu iria querer.

Agora, o atual significado da palavra “anarquia” é (definição da OED):

1. Ausência de governo; um estado de ilegalidade devido à ausência ou ineficácia do poder supremo; desordem política.
2. Um estado social teórico onde não há pessoas ou grupos de pessoas governando, onde cada indivíduo detém liberdade absoluta (sem implicar em desordem).

Assim, podemos ver que a palavra “anarquia” representa dois significados centrais: a ausência tanto de governo e ordem social e a ausência do governo sem a implicação de desordem social.

Sem um governo...

O que isso significa na prática?

Bem, claramente há dois tipos de líderes no mundo - aqueles que lideram por incentivo e aqueles que lideram pela força. Os que lideram por incentivo irão oferecer a você um salário para que você venha e trabalhe para eles; aqueles que lideram pela força o jogarão na prisão caso você não lute por eles.

Aqueles que lideram por incentivos tentarão fazer com que você voluntariamente mande suas crianças para as escolas deles ao manter os preços baixos, as aulas estimulantes e demonstrando e provando sucesso objetivo.

Aqueles que lideram pela força simplesmente dirão que se você não pagar o impostos para sustentar as escolas, você irá para a cadeia.

Claramente, essa é a diferença entre voluntarismo e violência.

A palavra “anarquia” não significa “sem regras.” Não significa “matar outros por diversão.”

Não significa “sem organização”.

Simplesmente significa: “sem um líder político”.

A diferença, claro, entre política e qualquer outra área da vida é que na política, se você não acatar as ordens estatais, você é preso. Se você tentar se defender contra as pessoas que te prenderão, elas irão atirar contra você.

Então, o que a palavra “anarquia” realmente significa?

Ela simplesmente significa uma maneira de interagir com terceiros sem ameaçá-los com violência se eles não te obedecerem.

Significa simplesmente “sem violência política”.

A diferença entre essa palavra e palavras como “homicídio” e “estupro” é que nós não misturamos homicídio e estupro com ações exatamente opostas em nossas vidas e ainda consideramos os resultados normais, morais e saudáveis. Nós não estrangulamos um homem pela manhã, ajudamos uma mulher a atravessar a rua à tarde e ainda nos denominamos “bons”.

Os verdadeiros males que todos nós aceitamos - estupro, agressão, homicídio, roubo - nunca são considerados um núcleo e uma parte necessária da vida de uma boa pessoa. Um indivíduo acusado de homicídio não é inocentado lembrando que ele passou todos exceto cinco segundos de sua vida sem matar alguém.

Com esses males reconhecidos, uma única transgressão muda o caráter moral de uma vida toda. Você nunca seria capaz de pensar em um amigo condenado por estupro como antes.

No entanto - este não é o caso com “anarquia” - esta não parece se encaixar na categoria do mal.

Quando nós pensamos sobre uma sociedade sem violência política - sem governos - esses espectros de caos e brutalidade sempre aparecem para nós, imediatamente e pelo que parece, irrevogavelmente.

Porém, é necessário apenas um momento de reflexão para perceber que nós vivemos a maioria de nossas vidas em completa e total anarquia - e nós chamamos essa anarquia de “moralmente boa”.

Anarquia Cotidiana

Por exemplo, vejamos namoro, casamento e família.

Em qualquer sociedade livre e racional, essas atividades não caem na área da coerção política. Nenhuma agência governamental escolhe com quem você deve se casar e ter filhos, nem pune você por desobedecer estas regras. Voluntarismo, incentivo, vantagem mutual - devemos dizer “propaganda”? - tudo gerido pelo livre mercado do amor, sexo e casamento.

Que tal sobre a sua carreira? Algum agente do governo te chamou no fim do ensino médio e te informou que você irá se tornar um médico, um advogado, um trabalhador de fábrica, um garçom, um ator ou programador - ou um filósofo? - Claro que não. Você foi deixado livre para escolher a carreira que mais se adequa aos seus interesses, habilidades e iniciativas.

Que tal sobre suas decisões financeiras? Aparece cada mês em seu lar um funcionário público e te diz exatamente quanto você deve poupar, quanto você deve gastar, se pode pagar um sofá novo ou uma pintura antiga? Você teve de solicitar ao governo permissão para comprar um carro novo, uma nova casa, uma televisão de plasma ou uma escova de dente?

Não, em todas as áreas mencionadas acima - amor, casamento, família, carreira, finanças - todos nós fazemos grandes decisões na completa ausência de coerção política direta.

Assim - se a anarquia é uma maldade universal, porque em seu padrão - e puro – é a independência que nós demandamos para podermos alcançar a liberdade em nosso dia a dia?

Se o governo te disser amanhã que irá escolher por você onde você irá viver, como ganhar o seu soldo, e com quem você deve se casar - você cairia nos seus joelhos e agradeceria à Deus por você ter sido salvo da terrível anarquia - a anarquia de fazer suas próprias decisões na ausência de coerção política direta?

Claro que não - muito pelo contrário - você ficaria aterrorizado e iria ser opor a tal ditadura invasora com toda a sua força.

Isso é o que eu quero dizer quando nós consideramos anarquia como sendo um mal irreduzível - e também irreduzivelmente benéfico. É ao mesmo tempo temida e desprezada - e considerada necessária e virtuosa.

Se você ficasse sabendo amanhã que você acordaria e que não teria um governo, você sem dúvida temeria o espectro da “anarquia.”

Se você ficasse sabendo amanhã que teria que solicitar por uma permissão estatal para ter filhos, você sem dúvida temeria o espectro da “ditadura” e desejaria de volta os dias de “anarquia” quando você podia decidir tais coisas sem intervenção política.

Assim nós podemos ver que os seres humanos são extremamente, quase ferozmente ambivalentes sobre “anarquia”. Nós desesperadamente desejamos ela em nossa vida pessoal assim como a tememos em nossa vida politicamente.

Outra maneira de demonstrar isso é que nós amamos a anarquia que vivemos e no entanto tememos a anarquia que imaginamos.

Mais uma coisa e aí sim você poderá decidir se a minha paciência é além das esperanças ou não.

É apontado que uma ditadura totalitária é caracterizada pela quase ausência completa de regras. Quando Solzhenitsyn foi preso, ele não tinha ideia do que estava realmente sendo acusado. Quando foi sentenciado a 10 anos de prisão, não houve possibilidade de apelo à corte ou quaisquer procedimentos legais. Ele desagradou alguém que estava no poder e por isso foi mandado para um dos gulags.

Quando nós examinamos países onde o poder estatal está no seu auge, observamos situações de extrema instabilidade e uma ausência notável de regras ou padrões objetivos. As ditaduras inferiores dos países de terceiro mundo são regiões arbitrariamente e violentamente comandadas por gangues de sociopatas.

Mais perto de casa, para a maioria de nós, temos o exemplo de escolas públicas de cidades do interior, cercadas de detectores de metais e saturadas com brutalidade, violência, assédio sexual e bullying. As vizinhanças ao redor também estão sob o controle rígido do Estado que comanda programas de bem-estar social, habitações públicas, estradas, polícia, ônibus, hospitais, esgotos, fornecimento de água e eletricidade. Esses

tipos de vizinhanças se tornaram algo além do socialismo democrático e atualmente estão próximas à ditadura comunista.

Similarmente, quando pensamos nessas cidades interioranas como um todo, também podemos entender que a maior parte da violência endêmica resulta do tráfico de drogas, o qual está diretamente relacionado com o banimento governamental da fabricação e venda de certas drogas. Tratar viciados em vez de prendê-los iria, estima-se, reduzir a atividade criminosa em até 80%.

Aqui, novamente, onde há a concentração de força política, nós vemos violência, mutilação, tiroteios, estupros e todo o desespero e niilismo - tudo o que interminavelmente chamam de “anarquismo”.

O que dizer sobre prisões, onde o poder político aparece em seu auge? Prisões fervem com estupros, assassinatos, esfaqueamentos e agressões - para não mencionar o vício em narcóticos. Guardas sádicos espancam prisioneiros sádicos à ponto da única diferença entre os dois ser o uniforme. Aqui nós temos a “sociedade” que parece ser a paródia da “anarquia” - um universo feio e niilista, normalmente descrito pela palavra “anarquia” que na verdade resulta da maximização do poder político, o extremo oposto da “anarquia”.

Agora, nós certamente poderíamos argumentar que sim, talvez seja verdade que um excesso de poder político gere anarquia - mas a deficiência de poder político gera anarquia também! Talvez a “ordem” seja um tipo de significado aristotélico, que permanece entre o caos da completa ausência de coerção política e o caos do excesso de coerção política.

No entanto, nós rejeitamos inteiramente essa visão nas outras áreas mencionadas acima - amor, casamento, finanças, carreiras, etc. Nós entendemos que qualquer intromissão da coerção política nessas áreas seria um desastre completo para nossa liberdade. Nós não dizemos, em relação ao casamento, “Bem, nós não queremos o governo escolhendo a esposa de todos - mas também não queremos o governo ausente da escolha das esposas! A quantia correta de coerção governamental encontra-se aproximadamente no meio.”

Não, nós especificamente e inequivocamente rejeitamos a intrusão de coerção política em tais aspectos de nossas vidas.

Assim, uma vez mais, podemos visualizar o paradoxo básico que nós desesperadamente necessitamos e desejamos, a realidade da anarquia em nossa vida pessoal - e ainda desesperadamente odiamos e tememos a ideia da anarquia em nosso ambiente político.

Nós amamos a anarquia que vivemos. Nós tememos a anarquia que imaginamos - a anarquia que fomos ensinados a temer.

Enquanto nós podemos discutir a realidade de nossa ambivalência em relação à esse tipo de voluntarismo, nós devemos ficar fundamentalmente emperrados como espécie - como qualquer indivíduo que cobre sua ambivalência, nós devemos gastar nossas vidas em uma evasão distraída e oscilante, para o detrimento de nosso próprio presente e para o futuro de nossos filhos.

É por isso que eu não posso deixar esse paciente morrer. Eu ainda sinto um batimento cardíaco, um batimento muito forte!

Ambivalência e Intolerância

É um truísmo - e um que penso que seja válido - que a mente simples vê tudo preto ou branco. Sabedoria, por outro lado, envolve sempre desejando sofrer as dúvidas e as complexidades da ambivalência.

O pessimista intolerante diz que todos os negros são pérfidos; o intolerante leviano diz que todos os negros são vítimas. O misógino diz que todas as mulheres são corruptas; a feminista regularmente diz que todas as mulheres são santas. Explorando as complexidades e as contradições da vida com a imparcialidade da mente aberta - nem com a imposição de julgamentos prematuros, muito menos com a retenção de julgamento uma vez que é evidência - é a marca do cientista, do filósofo - de uma mente racional.

Os fundamentalistas entre nós delegam todos os mistérios para a “vontade divina” - o que acaba por responder nada depois de verificarmos que a “vontade divina” não deixa de ser outro mistério, é como dizer que a localização das minhas chaves é “o local onde minhas chaves não estão perdidas” - isso ajuda em nada a equação a não ser como uma teeth-gritting tautologia. Mistério é igual a mistério. Alguém como mais de meio cérebro pode fazer um pouco mais do que revirar os olhos.

A imaturidade de conclusões prematuras e inúteis é acompanhada por outro lado apenas pelos nevoeiros superficiais e assustados do moderno - ou talvez eu devesse dizer pós-moderno - relativismo onde não há conclusões válidas, onde nenhuma declaração absoluta é justa - exceto uma, claro - a de que tudo é exploração, tipicamente com os olhos vendados, e sem direção. Não há destino, nenhum poste de sinalização, não há sentido de progresso, nenhuma construção a um objetivo maior - é a dissecação de cadáveres culturais sem fim, mesmo sem uma definição de saúde ou finalidade, que assim se aproxima perigosamente de parecer com sadismo fetichista.

A verdade é que alguns homens negros são bons, outros são ruins e a maioria é uma mistura dos dois, assim como todos nós somos. Algumas mulheres são traiçoeiras, algumas são santas. Gênero ou cor de pele são padrões completamente inúteis para analisar uma pessoa moralmente; é quase tão útil quanto tentar achar a direção norte

com um iPod. O termo “penetração sexual” não nos diz se o ato foi consensual ou não - dizer que a penetração sexual é sempre ruim é tão inútil quanto dizer que é sempre boa.

Da mesma maneira, algum anarquismo é bom (particularmente aquele que nós protegemos tanto em nossas vidas pessoais) e algum anarquismo é ruim (especialmente nossos temores de violência, atentados a bomba e grandes bigodes). Como uma palavra, no entanto, “anarquismo” não nos ajuda a estimar essas situações. Aplicar o pensamento tolo do preto-e-branco à situações complexas e ambíguas é mais um tipo de intolerância.

Dizer que “anarquismo é ao mesmo tempo um malefício político e o maior tesouro de nossas vidas pessoais é uma contradição que vale a pena ser examinada, isso se nós desejamos ganhar um certo grau de sabedoria sobre questões essenciais sobre a verdade, virtude e desafios sociais da organização social.

Anarquia e História

Nossa visão clichê do típico anarquista tende a vê-lo surgir logo antes da Primeira Guerra Mundial, o que é muito interessante quando você pensa sobre isso. O estereótipo do anarquista é retratado como um fracassado febril, que usa a sua ideologia política como uma justificativa para acobertar seu desejo por violência. Ele argumenta que deseja ver o mundo livre da tirania, quando na verdade, tudo o que ele quer é quebrar ossos e assassinar.

Nós tipicamente visualizamos este anarquista como uma forma de terrorista, o qual geralmente é definido como alguém que usa de meios violentos para atingir fins políticos, e colocado ao mesmo tempo na mesma categoria dos que tentam dar um golpe de estado contra o governo existente.

No entanto, quando você examina o utilizando da lógica, parece quase impossível prover uma definição de terrorismo que também não inclua líderes políticos, ou pelo menos, o processo político em si.

O ato de guerra é em sua essência uma tentativa de alcançar fins políticos através do uso de violência - a anexação da propriedade, a captura de uma nova área de impostos ou a deposição de um governo estrangeiro - isso sempre requer um governo que deseja e é capaz de aumentar o uso da violência contra os seus próprios cidadãos, através de aumentos de impostos e/ou de alistamento militar. Mesmo defendendo um país contra uma invasão requer inevitavelmente um agravamento do uso da força contra os cidadãos.

Assim, como podemos dividir facilmente aqueles que estão fora do processo político que usam de violência para atingir seus objetivos daqueles que estão dentro do processo político que utilizam de violência para atingir seus fins? Continua a ser pelo menos uma tarefa difícil.

O que é fascinante sobre a mitologia do “anarquista malvado” é que mesmo se nós aceitamos o estereótipo, a disparidade no número de baixas entre os anarquistas e seus inimigos permanece incrivelmente deturpada, para dizer o mínimo.

Anarquistas no período anterior à Primeira Guerra Mundial mataram talvez dúzias ou um número grande de pessoas, quase todas chefes de estado ou seus representantes.

Por outro lado, chefes de estado ou seus representantes causaram a morte de mais de 10 milhões de pessoas durante a Primeira Guerra Mundial.

Se você valoriza a vida humana - como qualquer pessoa racional e moral deve fazer - então temer anarquistas em vez de líderes políticos é como temer combustão espontânea em vez de doenças cardíacas. Na categoria de “causadores de mortes”, um único líder governamental ultrapassa todos os anarquistas dezenas de milhares de vezes.

Essa perspectiva parece algo surpreendente para você? Bem, isso é o que acontece quando você analisa os fatos em vez das histórias dos vencedores.

Outro exemplo seria um exame objetivo da violência e dos assassinatos nos Estados Unidos durante o século XIX. A típica história sobre o “velho oeste” é que era uma terra habitada por ladrões, assassinos e bandoleiros, onde somente uma pequena força dos solitários xerifes locais permanecia entre os colonos indefesos e a predação sem fim de vilões morenos e barbados.

Se, porém, nós analisarmos os fatos sobre a taxa decrescente de assassinatos no sec. XIX nos EUA, veremos que 600 mil homicídios foram cometidos em um intervalo de poucos anos pela Guerra de Secessão promovida pelo governo. Nós podemos ver que xerifes não eram particularmente dedicados a proteger colonos indefesos, mas sim em entregar o dinheiro destes, suas vidas e suas crianças para o governo através da coerção brutal da taxaço e escravidão militar.

Quando nós olhamos para uma instituição como a escravidão, podemos ver que esta sobreviveu, fundamentalmente, em dois pilares centrais - lendas amedrontadoras, paternalistas e a mudança dos custos de coação para outros.

Que justificações foram apresentadas, por exemplo, para a escravidão dos negros. Bem, a “obrigação do homem branco” ou a necessidade de “cristianizar” e civilizar esses selvagens pagãos - essa foi a condescência - e também porque se os escravos

acabassem livres, fazendas seriam queimadas, mulheres brancas seriam selvagemmente violentadas e todos os tormentos intermináveis e destruição castigariam a sociedade - essa era uma lenda amendrontadora!

Mesmo fora da guerra, somente no século XX, mais de 270 milhões de pessoas foram assassinadas pelos seus governos. Comparadas às dúzias de homicídios cometidos por anarquistas, é difícil visualizar como a fantasia do “anarquista malvado” pode se sustentar quando comparamos a pequena pilha de corpos de pessoas mortas por anarquistas com a montanha imaginária de pessoas mortas por governos em somente um século.

Claro que se nós estivermos preocupados com violência, homicídio, roubo e estupro, nós devemos nos focar nos que cometeram esses males em maior quantidade - os líderes políticos - em vez daqueles que se opõe a eles, mesmo que se oponham equivocadamente. Se nós aceitarmos que líderes políticos assassinam a humanidade às dezenas de milhões, então, talvez, sejamos tentados a ter alguma simpatia por esses “anarquistas malvados”, assim como nós teríamos por um homem que matou um franco-atirador em ação.

Anarquia e Ambivalência

O fato é que, como eu declarei acima, é visível que temos uma relação de amor e ódio com a anarquia. Nós ansiamos por ela e ainda sim a tememos, quase na mesma proporção.

Nós amamos anarquia pessoal e odiamos anarquia política. Nós desesperadamente resistimos a qualquer invasão ou limitação sobre nossa anarquia pessoal, porém, tememos, zombamos e atacamos quaisquer sugestões de que anarquia política poderia ser de valor.

Mas como é possível que anarquia possa ser o maior bem e o maior mal simultaneamente? Certamente isso seria uma zombaria da razão, virtude e senso comum.

Agora vamos voltar para uma possível maneira de desvendar esta contradição.

Política e o Interesse Próprio

A verdade é frequentemente a primeira vítima do interesse próprio. Podemos ver isso claramente quando se trata de publicidade – A empresa que vende cremes antirrugas usam medo e insegurança para guiar a demanda até o seu produto. “Sua beleza é medida pela elasticidade da sua pele, não pelas virtudes da sua alma,” eles dizem, “e ninguém a achará atraente se você não parece jovem!”

Essa é de certo modo uma exploração da insegurança; claramente o que está sendo vendido é uma definição de “beleza” que não requer a desafiadora tarefa de alcançar e manter virtude. No curto prazo, é mais bem mais fácil, no fim das contas, esfregar um creme caro no seu rosto do que começar o genuíno caminho para a sabedoria e integridade.

Deste modo, podemos ver que o interesse próprio do anunciante e do consumidor estão ambos servidos na troca, às custas da verdade. Nós sabemos que certamente nos tornaremos velhos e feios – e também que esse destino não precisa nos roubar o amor, pelo contrário que podemos receber e dar mais amor em nossa velhice do que o fizemos na nossa juventude, se vivermos com virtude, compaixão e generosidade.

Entretanto, ganha-se muito menos dinheiro em filosofia do que em vaidade – o que é o mesmo que dizer que as pessoas pagarão um bom dinheiro para evitar as exigências da virtude – e portanto a vergonhosa exploração mútua a fim de se evitar as demandas da virtude é a pedra angular de qualquer economia moderna.

Do mesmo modo, ouvir dizer que “anarquismo” é apenas mal, mal, mal ajuda-nos a evitar a ansiedade e ambivalência que nós de fato sentimos sobre aquilo que tanto tememos e amamos ao mesmo tempo. Nossos educadores e líderes políticos nos “vendem” alívio da ambivalência e da desconfortável exploração – inevitavelmente às custas da verdade – e assim, nós temos sido consumidores relativamente famintos.

Auto-interesse e exploração

Os CEOs de grandes empresas recebem enormes salários por seus serviços. Imaginemos um cenário onde um pequeno número de novas empresas cresçam mesmo

não tendo um administrador sênior – e que ainda estejam obtendo lucros bem acima da média!

Nesse cenário, quando líderes de negócios são revelados como potencialmente contra produtivo aos lucros – ou ao menos, sem qualquer ligação com a lucratividade – é fácil ver que o interesse próprio desses líderes é imediatamente e talvez permanentemente ameaçados.

Adicionalmente, imagine todos os outros grupos de pessoas cujos interesses estariam ameaçados em tal cenário. Escolas de negócios veriam seu número de matrículas cair drasticamente; advogados, contadores e decoradores que serviram esses homens de negócio veriam sua demanda por seus serviços cair; as escolas privadas que supriram às famílias ricas seriam atingidas duramente, ao menos por um tempo. Revistas de elite, apresentações de negócios, convenções, conselheiros, camiseiros, alfaiates e toda sorte de gente que sentiriam o ferrão da transição, para dizer o mínimo.

Podemos facilmente imaginar que as primeiras poucas empresas a ver a lucratividade aumentada como resultado de terem se livrado de seus principais administradores seriam asperamente condenadas e ridicularizadas pelos administradores entrincheirados em empresas semelhantes. Essas empresas seriam acusadas de alterar os dados, de explorar uma mera anomalia estatística ou acaso, de ter administradores secretos, de produzir produtos de segunda mão, de “recheiar o peru” com vendas prematuras, de incorrer em perdas, e por aí vai.

A morte eminente seria alegremente prevista pela maioria, se não, por todos os expectadores interessados. Os CEOs de empresas existentes evitariam fazer negócios com eles, e sem dúvida formariam uma espécie de benevolência patronal (Sim, você ver essas tendências emergindo uma vez todo ano – elas surgem, caem e morrem, e investidores terminam mais pobres, mas mais sábios) razoavelmente aberta e despreocupada (eu não estou certo se é uma boa escolha de carreira mudar para esse tipo de empresa; eu consideraria um ponto ruim em qualquer currículo de quem já esteve nesse tipo de situação).

Essas empresas deveriam continuar crescendo, sem dúvida os executivos dos negócios já existentes entrariam em contato com seus amigos políticos, procurando uma “solução” a favor dos “consumidores” que eles tanto desejam “proteger”.

Grupos entrincheirados sempre se moverão a fim de proteger seus próprios interesses – isso não é uma coisa ruim, é simplesmente um fato da natureza humana. Por isso é importante entender que o que é chamado de improdutivo, negativo, “extremo” ou perigoso pode acabar sendo de fato essas coisas, mas é sempre bom olhar para os motivos daqueles que investem tempo e energia criando e propagando tais rótulos. Por que eles estão tão interessados?

Os Barões Ladrões

Também podemos encontrar exemplos disso no fenômeno do “Robber Barons” na América do fim do século 19. A estória diz que esses monopolistas predatórios imorais estavam espoliando consumidores impotentes, e por isso foi preciso que eles fossem restringidos através da força do governo por uma legislação antimonopólio.

Se essa estória fosse realmente verdade a primeira coisa que esperaríamos seria uma ou duas evidências mostrando como os preços aumentaram onde esses “monopólios” floresceram – e também que foi esses consumidores desprotegidos e furiosos que fizeram barulho para os legisladores e demandaram a proteção dos monopolistas.

Mas é claro, seria um total absurdo imaginar que esse seria o caso, isso acaba por ser completamente falso.

Se um aumento injusto de preço de 10%-20% fosse imposto sobre carne moída, o prejuízo para o consumidor médio não seria mais do que alguns centavos por semana. É compreensível imaginar qualquer consumidor – ou grupo de consumidores – combinando seu tempo e esforço para buscar uma complexa e pesada legislação por se oporem a um pequeno aumento de preço. A razão custo/benefício seria absurdamente fora de medida, desde que sem dúvida custaria a esses consumidores muito mais tempo e dinheiro pra alcançar tais medidas que eles poderiam conceberavelmente economizar reduzindo esse tal aumento injusto de preço.

Você está buscando ações legais contra a Exxon por causa de preços maiores?

Claro que não!

Portanto para encontrarmos os reais culpados, precisamos olhar primeiro para qualquer grupo que possa justificar a busca por tal legislação complexa e incerta; a compra de legisladores, produção de artigos e outros esforços gastos para influenciar a mídia, a busca desesperada de um empreendimento altamente arriscado – quem poderia justificar um investimento insano desse? A resposta é óbvia, e contém toda a informação que precisamos saber para refutar as reivindicações apresentadas.

Os grupos mais prejudicados por esses supostos monopolistas foram, é claro, seus competidores diretos. Assim poderíamos esperar que o patrocinador primário – se não o único – dessa legislação não seria consumidores enfurecidos, mas sim as empresas competindo com esse “Robber Barons.”

Claramente, se esses monopolistas estavam aumentando preços injustamente, essa seria um infundável convite para esses competidores – ou até mesmo para empreendedores externos – contarem seus preços.

Ah, mas talvez esses Robber Barons estavam conseguindo seu monopólio através de favores políticos tais como prevenindo competidores de entrar no mercado.

Bem, sabemos que certamente esse não poderia ser o caso. Se esses Robber Barons realmente controlassem o legislativo, então seria altamente improvável para os seus competidores de obterem sucesso em influenciar o legislativo, pois eles saberiam que essa era luta sem vitória. Se esse “monopolistas” estivessem ganhando massivos e injustos lucros através de favores políticos, então seus competidores que foram excluídos de tal sistema lucrativo estariam completamente inaptos em afunilar o dinheiro necessário pra os legisladores. Além do mais, aqueles que fazem as leis estariam expostos a chantagens por acordos passados se eles “trocassem de lados,” se é que podemos dizer assim.

Assim sem examinar um único fato histórico, podemos determinar muito facilmente o que realmente aconteceu, que foi:

a) Os monopolistas não estavam realmente aumentando preços, mas os estavam abaixando, e sabemos disso porque seus competidores não tomaram a rota econômica de cortes nos preços, mas ao invés disso usavam a rota política usando a força do estado para incapacitar esse “monopolista.”

b) Os monopolistas não estavam ganhando fatia de mercado ou lucros injustos pela via política, porque os legisladores ainda estavam à venda.

c) Os consumidores estavam totalmente felizes com o arranjo existente, e sabemos disso porque os competidores não tinham nada para oferecer que os consumidores iriam preferir à atual situação.

Essa hipótese é amplamente sustentada pela cuidadosa evidência histórica. Onde esses “Robber Barons” dominaram o mercado, os preços dos bens que eles produziam caiu, as vezes consideravelmente – no caso do uso de automotoras refrigeradas para estocar carne, uma queda de 30% no preço foi alcançada em poucos meses.

Claramente, isso não prejudicou os interesses dos consumidores – mas certamente prejudicou os interesses daqueles atentando em competir com esses altamente eficientes empresários. Infelizmente – com a tentação do sempre presente governo – esses competidores preferiram tomar a via política para atacar seu rival bem sucedido através do poder do estado ao invés de se voltarem para a inovação de si mesmos e então competirem mais exitosamente no livre mercado.

E que tal o argumento de que Robber Barons usou de violência para criar seu monopólio ameaçando ou matando competidores?

Bem, mesmo que aceitemos esse argumento como verdade, ele serve mais para o argumento anarquista do que para a posição estatista.

Se você contratasse um segurança que continuamente caísse no sono no trabalho, e permitissem que as instalações que ele guarda fossem roubadas eventualmente, ano após ano, qual seria a sua reação? Você o acordaria e o promoveria ao rank gerente global de uma empresa de segurança de alta complexidade?

Claro que não!

Se um governo é tão imoral e incompetente que permite o assassinato de cidadãos inocentes por Robber Barons, então claramente ele não pode ser concebivelmente competente e moral o suficiente para proteger seus cidadãos da complexa predação econômica do mesmo Robber Barons. Um grupo que não pode executar uma simples função não pode executar uma função muito mais complexa.

Aproximadamente cem anos depois, nós ainda podemos ver o quão efetivo essa propaganda é. Esses espectros desses “Robber Barons” ainda habitam as casas mal-assombradas imaginárias de nossa história. O todo governo no controle explorador de monopólios permanece inquestionado – d quantas pessoas conhecem os fatos básicos da situação, principalmente que não foram os consumidores que se opuseram a essas empresas, mas os seus competidores?

Quando olhamos para as “soluções” políticas pressionando “problemas,” vemos sempre o mesmo padrão. Educação controlada pelo governo não foi instituída porque os pais estavam insatisfeitos com escola privadas, ou porque as crianças não eram educadas, ou qualquer coisa semelhante a essa – pelo contrário, porque professores queriam ter seus empregos assegurados, e porque grupos culturais e religiosos queriam por suas mãos nas mentes jovens das crianças. O “New Deal” na década de 1930 não foi instituído porque o livre mercado tornou as pessoas mais pobres, mas por causa má administração do governo cuja oferta monetária destruiu quase um quarto da riqueza dos Estados Unidos.

Ao longo do tempo, vemos que não é a liberdade que leva ao controle político e ao aumento da violência estatal, mas que o aumento do controle político e da violência estatal que causa o problema.

O governo não expande seu controle porque a liberdade não funciona; liberdade não funciona porque o governo expande seu controle.

Assim podemos ver que a liberdade – ou voluntarismo, ou anarquia – não cria problemas que os governo são requisito para a “solução”. Pelo contrário, propagandistas mentem sobre o que o governo é capaz de fazer (“proteger consumidores” realmente significa “usar violência para proteger os lucros de empresas ineficientes”) e a resultante expansão da coerção e do controle políticos produzem mais problemas, os quais são sempre atribuídos à liberdade.

Anarquia e Líderes Políticos

Claramente, existe toda uma classe de pessoas que ganham imensos lucros, prestígio e poder da existência do governo. É igualmente verdade que, como coletivo, essas pessoas tem enormes controle e influência sobre as mentes das crianças, desde que é o mesmo governo que educa virtualmente toda criança durante seis ou mais horas por dia, cinco dias da semana, por quase uma década e meia de seus anos de formação.

Para analisar a situação, podemos nos imaginar surpresos que crianças de 14 anos vindos de uma educação religiosa geralmente acreditariam na existência e virtude de Deus? Estaríamos surpresos se fortes argumentos ao ateísmo fosse deixado fora de uma currículo expressamente desenhado por sacerdotes, que lucram diretamente da manutenção da crença religiosa? De fato, nós esperaríamos que tais crianças fossem ativamente treinadas na rejeição de argumentos ateístas – inoculados contra isso, se assim podemos dizer, para que eles reajam com escárnio ou hostilidade a tais argumentos.

Nós bem podemos segurar nossa respiração esperando a próxima propaganda da General Motors falando dos defeitos de seus carros, e as virtudes dos veículos de seus competidores. Ou talvez deveríamos esperar o McDonald's uma descrição de imagens detalhadas de artérias obstruídas?

Se o fizermos esperaremos em vão.

Semelhantemente, quando o governo treina as crianças, como esperamos que o governo se comporte? Esperaríamos que professores pagos pelo governo fossem falar abertamente a respeito das raízes do poder do estado, o qual é a iniciação do uso da froça contra cidadãos legalmente desarmados? Esperaríamos que eles abertamente e honestamente falassem sobre a origem de suas receitas, os quais são os impostos sobre a propriedade que são forçadamente extraídos dos país de seus estudantes?

Esperaríamos que esses mesmos professores falassem a respeito de como o poder do governo cresce através de pressões infundáveis e da ganância de grupos de interesses especiais, que desejam livrar-se dos custos da coação violenta de sua ganância às custas dos contribuintes que eles de fato oprimem.

Claro que não!

Isso não acontece porque professores são maus, mas porque as pessoas respondem a incentivos. Se verdades básicas sobre história, lógica, ética e realidade são um inconveniente àqueles no poder – como inevitavelmente são – os que são pagos pelos poderosos quase nunca falarão deles. Não esperaríamos que um professor da era Stalinista falar sobre as glórias do capitalismo; não esperaríamos que um professor pré Guerra Civil Americana ensinasse às crianças dos donos de escravo sobre os males da escravidão; não esperaríamos que um instrutor em West Point falasse sobre os males e a corrupção do complexo militar-industrial, não mais do que esperaríamos o Vaticano voluntariamente iniciar uma discussão sobre os abusos dos padres Católicos.

Podemos ver esses fatos básicos sem qualquer rancor, mas com uma suave, quase agradável, simpatia pelos inevitáveis e corruptos efeitos do poder violento.

Essa é sem dúvida uma perspectiva torta para começar a examinar a obscura, úmida e enevoada floresta de propaganda com a simples luz da verdade, mas isso é o que ser um anarquista se trata.

Um anarquista aceita a simples e básica realidade de que cada ser humano fundamentalmente valoriza a livre escolha em sua própria vida pessoal.

Um anarquista aceita a simples e básica realidade de que os que pagam as despesas sempre estão no comando – e aquele argumento contra a virtude e eficácia do poder político nunca será disseminado em um sistema educacional pago pelo poder político.

Um anarquista aceita a simples e básica realidade de que seres humanos tem, na melhor das hipóteses, uma relação ambivalente com o voluntarismo – e que seres humanos habitualmente evitam o desconforto da ambivalência e, por isso, não querem mais falar sobre anarquismo do que querem trazer a tona suas dúvidas religiosas durante a cerimônia de um casamento Cristão.

As barreiras a um entendimento razoável da perspectiva anarquista são emocionalmente voláteis, socialmente isoladoras e quase infundáveis. O anarquista razoável aceita esses fatos básicos – desde que fatos são o que a anarquia se trata – e se ele é verdadeiramente sábio ele se apaixonou, ao menos um pouco, pelas dificuldades de seu dever.

Deveríamos amar as dificuldades que enfrentamos, porque se fosse fácil libertar o mundo, o fato do mundo estar tão distante de ser livre seria totalmente incompreensível...

A Anarquia e a “Tragédia dos comuns”

Pergunte a quase todos os economistas profissionais qual é a função do governo, e ele irá geralmente responder que é regular ou resolver a “tragédia dos comuns” e ajustar as “falhas de mercado” ou o fornecimento de bens públicos como estradas e serviços de fornecimento de água que o livre mercado não é capaz de realizar.

Para qualquer um que trabalhe a partir das evidências históricas e mesmo para aqueles que tem um conhecimento limitado dos primeiros princípios, a resposta é, para ser franco, bizarramente infundada.

A “Tragédia dos comuns” é a ideia de que se os fazendeiros compartilharem a mesma terra como pasto para as ovelhas, eles terão um incentivo para utilizar o local excessivamente, o que irá afetar todos em geral. Portanto, o interesse pessoal de cada indivíduo leva a um desgaste coletivo da terra .

Um momento de reflexão nos faz perceber que o governo é a pior solução possível para este problema – se isso é realmente um problema.

A tragédia dos comuns reconhece que aonde houver propriedade coletiva, a exploração individual será um resultado inevitável, já que não há nenhum incentivo para a manutenção da produtividade no longo prazo, do que quer que seja de propriedade coletiva. Um fazendeiro cuida bem dos próprios campos porque ele quer lucrar da utilização destes no futuro. De fato, a propriedade tende a se acumular nas mãos dos indivíduos que podem obter a maior produtividade futura de qualquer ativo, já que eles são capazes de oferecer o melhor preço quando as propriedades vão ser vendidas. Se eu consigo fazer R\$10.000 a mais por ano do que você no mesmo terreno, então eu estarei disposto a oferecer mais por ela, e assim, eu acabarei sendo dono do terreno.

Portanto, quando não há interesse na lucratividade futura – como no caso de recursos de propriedade pública – estes recursos tendem a ser, inevitavelmente, pilhados e destruídos.

Esta é a situação na qual pessoas muito inteligentes e educadas – com rostos perfeitamente honestos – dizem que o problema deveria ser resolvido através da criação de um governo.

Porque esta é uma solução bizarra?

Bom, o governo – e particularmente o tesouro público – é o derradeiro bem de propriedade pública. Se bens de propriedade pública são sempre pilhados e explorados, então como a criação do maior e mais violento bem de propriedade pública pode resolver o problema? É como dizer que a exposição ao sol pode ser perigosa para a saúde de uma pessoa, e então a solução para o problema é expor as pessoas ao sol.

O fato de que as pessoas são capazes de repetir estes absurdos com os rostos sério e limpos é uma prova do poder da propaganda e do interesse pessoal.

Da mesma forma, nós ouvimos que os monopólios formados pelo livre-mercado são perigosos e exploradores. Empresas que desejam voluntariamente fazer negócios conosco, e tem de apelar para os nossos interesses pessoais, são considerados graves ameaças para as nossas liberdades pessoais.

E, qual é a solução que é proposta por quase todos para o “problema” das interações econômicas voluntárias?

Já que “monopólios” voluntários e pacíficos são um mal tão terrível, a solução que é sempre proposta é criar um monopólio involuntário, coercitivo e violento, na forma de um governo.

Então, “monopólios” voluntários e pacíficos são um grande mal. Mas o monopólio involuntário e violento do estado é o bem maior!?

Você entende por que eu comecei o livro falando sobre a nossa complicada e ambivalente relação com o voluntarismo, ou anarquia?

É possível ver o mesmo padrão se repetindo na âmbito da educação. Sempre que um anarquista fala sobre uma sociedade sem estado, ele é inevitavelmente informado que em uma sociedade livre, as crianças pobres não serão educadas.

De onde vem esta opinião? Vem de uma dedicação constante ao exercício da razão e a evidência, e a uma fidelidade a fatos bem documentados? Será que estes que tem esta opinião tem evidências sólidas de que, antes da educação pública, os filhos dos mais pobres não eram educados? Eles acreditam genuinamente que os filhos dos pobres estão sendo bem educados agora? Eles realmente acreditam que os anarquistas não se

importam com a educação dos pobres? Eles acham que eles são as únicas pessoas que se importam com a educação dos pobres?

Claro que não. Isto é somente uma reação propagandista instintiva, como ouvir, durante a Guerra Fria, um garoto da Guarda Vermelha balbuciando sobre a necessidade dos trabalhadores controlarem os meios de produção. Esta opinião não é baseada em uma evidência, mas em um preconceito.

Se a “tragédia dos comuns” e a predação dos monopólios são ameaças tão terríveis, então certamente institucionalizar estes problemas e cercá-los da violência sem fim da polícia, forças armadas e prisões seria exatamente o oposto da solução racional.

Claro, a tragédia dos comuns é um problema somente porque a terra é de propriedade coletiva; basta movê-la para proprietários privados, e está tudo bem. Então, a solução para o problema é claramente mais propriedade privada e não mais propriedade coletiva.

Ah, dizem os estatistas, mas isso é somente uma metáfora: e a pesca nos oceanos, a poluição nos rios, as estradas nas cidades e a defesa do país?

Bem, a resposta simples para isso é – pelo menos da perspectiva anarquista – se as pessoas não são inteligentes e sensatas o bastante para negociar soluções para este problema de uma maneira produtiva e sustentável, então com certeza elas não são inteligentes ou sensatas o bastante para votar em líderes políticos, ou para participar de qualquer governo.

Claro, há uma quantidade interminável de exemplos históricos de estradas e ferrovias privadas, direitos de pesca privados, ostracismo social e econômico como uma punição pelo sobreuso ou poluição de recursos compartilhados – a criatividade infinita da nossa espécie certamente não deve deixar de nos surpreender agora!

O estatista olha para um problema e sempre vê uma arma como a única solução – a força do estado, a brutalidade da lei, a violência e a punição. O anarquista – o empresário interminável da organização social – sempre olha para um problema e vê uma oportunidade para resolver o problema de forma pacífica e inovadora, seja pela caridade ou usando o mercado.

O estatista olha para a população e vê uma horda irracional e egoísta que precisa ser tangida eternamente sob a mira de uma arma – e ainda veem os que fazem o governo

funcionar como altruístas, benevolentes e santos. Porém, estes mesmo estatistas sempre olham para esta população irracional e perigosa e dizem “Vocês tem de ter o direito de escolher os seus próprios líderes políticos!”

Esta é uma posição realmente insustentável e irracional.

Um anarquista – como qualquer bom cientista ou economista – está mais que feliz de olhar para um problema e dizer “Eu não sei a solução” - e e ficar perfeitamente feliz por não impor a solução através da força.

Darwin olhou para a questão “De onde veio a vida?” e somente veio com a famosa resposta porque ele estava disposto a admitir que ele não sabia – mas que as “respostas” religiosas existentes eram invalidas. Teólogos, por outro lado, dizem ter “a resposta” para a mesma pergunta, afirmando: “Deus fez a vida”, que como mencionado acima, em um exame mais detalhado, sempre se revela ser um sinônimo exato para “Eu não sei”. Dizer, “Deus fez isso”, é dizer que algum ser incognoscível realizou uma ação incompreensível de uma maneira misteriosa para algum fim que nunca será conhecido.

Em outras palavras: “Eu não tenho a menor ideia”.

Da mesma maneira, quando se defrontam com desafios de organização social como a autodefesa coletiva, estradas, poluição e assim por diante, o anarquista fica perfeitamente satisfeito em dizer “Eu não sei como este problema será resolvido”. Como corolário, entretanto, o anarquista também tem a certeza absoluta de que a pseudo-resposta “o governo irá fazer isso” é uma não-resposta total – de fato, ela é uma anti-resposta, uma vez que ela provê a ilusão de uma resposta que de fato não existe. Para um anarquista, dizer que “o governo irá resolver o problema” tem a mesma credibilidade do que dizer para um biólogo – geralmente com condescendência irritante – “Deus criou a vida”. Em ambos os casos, o problema da regressão infinita é cegamente ignorado – se o que existe foi criado por um Deus, o Deus que existe deve ter sido criado por outro Deus e assim por diante. Da mesma maneira, se os seres humanos são, em geral, tão irracionais e egoístas para resolverem os desafios da organização social de uma maneira positiva e produtiva, conseqüentemente eles são muito irracionais e egoístas para receberem a violência monopolística do pode estatal, ou para votar nos próprios líderes.

Perguntar a um anarquista como cada a função pública concebível que existe atualmente seria recriada em uma sociedade sem estado é uma analogia direta a perguntar a um

economista como a economia será a economia daqui a cinquenta anos. O que será inventado? Como os contratos interplanetários serão aplicados? Como, exatamente, o tempo de viagem vai afetar o preço do aluguel dos carro? Qual será a capacidade de processamento dos computadores? O que os sistemas operacionais serão capazes de fazer? E assim por diante.

Este é um tipo de jogo elaborado, projetado para, fundamentalmente, para humilhar qualquer economista que caia nessa. É claro que, uma certa quantidade de especulação é sempre divertido, mas a verdade não é determinada por previsões precisas sobre o longo prazo, que é desconhecido. Perguntar a Albert Einstein em 1910 aonde as bombas atômicas seriam lançadas no futuro não é uma pergunta crível – e o fato dele não saber responder não invalida a teoria da relatividade.

Da mesma forma, nós podemos imaginar que os abolicionistas foram perguntados como a sociedade seria vinte anos depois que os escravos fossem libertados. Quantos teriam um emprego? Qual seria o número médio de filhos em cada família? Quem trabalharia nas plantações?

Apesar dessas perguntas poderem soar como absurdas para muitas pessoas, quando você propõe ainda que a vaga possibilidade de uma sociedade sem governo, você é quase inevitavelmente manobrado para a posição de ter de lutar contra uma hidra de muitas cabeças, com perguntas como: “Como as estradas serão construídas sem o governo?”, “Como os pobres serão educados?”, “Como uma sociedade sem estado irá se defender?”, “Como as pessoas podem lidar com criminosos violentos sem um governo?”

Em 25 anos falando apenas sobre estes assuntos, eu quase nunca – mesmo após responder de maneira plausível as perguntas que surgiam – alguém que se sentasse, suspirasse e dissesse “Caramba, eu acho que isto realmente poderia funcionar!”

Não, inevitavelmente, o que acontece é que as pessoas surgem com alguma situação que eu não sei responder imediatamente, ou de uma maneira que elas fiquem satisfeitas, então elas se sentam e dizem, triunfantes, “Viu? A sociedade não pode funcionar sem o governo!”

O que, na realidade, é muito engraçado sobre esta situação é que ao adotar esta abordagem, as pessoas pensam que elas estão se opondo a ideia de anarquia, quando de fato elas estão apoiando completamente a anarquia.

Um fato simples e básico da vida é que nenhum indivíduo – ou grupo de indivíduo - pode ser sábio ou ter conhecimento o bastante para conduzir a sociedade.

A nossa principal fantasia sobre o “governo” é que em alguma câmara remota e ensolarada, com mesas de mogno envernizadas, vastas cadeiras de couro e homens e mulheres que não dormem, existe um grupo que é tão sábio, tão benevolente, tão onisciente e tão incorruptível que nós deveríamos entregar a eles a educação do nossos filhos, a preservação dos nossos idosos, a salvação dos pobres, a provisão de serviços vitais, a cura dos doentes, a defesa da região e da propriedade, a administração da justiça, a punição dos criminosos e a regulação de cada aspecto de um sistema social e econômico massivo, infinitamente complexo e que está sempre mudando. Estes semideuses vivos tem um conhecimento tão perfeito e uma sabedoria perfeita, que nós deveríamos entregar a eles armas de destruição em massas, um poder infinito de criar impostos, encarcerar e imprimir dinheiro – e teríamos como resultado o bem, a abundancia e a honra.

E então, claro, nós dizemos que que uma massas berrante e atrapalhada, que nunca seria capaz de alcançar esta sabedoria e virtude, nem mesmo no sonho mais louco delas, deveriam se juntar e votar para entregar metade da renda, as crianças, os idosos e o próprio futuro na mão destes semideuses.

Claro, nós nunca vemos e conversamos com estas divindades. Quando nós ouvimos os políticos, tudo o que nós ouvimos são sentimentos piedosos, intermináveis evasões, discursos pomposos e todos os tipos de truques emocionais de pais abusivos que vivem de cama.

São estes os semideuses os quais a única missão é cuidar, alimentar e educar as nossas preciosas crianças?

Talvez nós possamos falar para os experts que aconselham os semideuses, o homem atrás do trono, o sombrio mestre das marionetes de sabedoria pura e virtude? Eles são capazes de se apresentar e nos revelar o esplendor dos conhecimento deles? Por que não, estes homens e mulheres também não irão falar conosco, e se eles fizerem, eles se revelarão ser ainda mais decepcionantes do que os mestres políticos, que pelo menos podem fazer uma agitação se algumas frases vazias ressoarem por um salão lotado.

E assim, se quisermos, nós podemos perambular por estes salões de Justiça, Verdade e Virtude para sempre, abrindo portas e fazendo perguntas, sem jamais conhecer este pleno gabinete de super-heróis morais. Nós podemos nos mover em uma decepção cada vez maior através dos escritórios bagunçados destes meros mortais, e reconhecer neles um espelho empoeirado de nós mesmos – em nada melhor do que nós, certamente, e muitas vezes piores do que nós.

A anarquia é a simplesmente reconhecer que nenhum homem, mulher ou grupo poderá ser sábio o bastante para surgir com a melhor maneira possível de conduzir a vida de outras pessoas. Assim como ninguém deveria ser capaz de obrigar você a se casar com quem ele acha melhor para você, ou forçar você a seguir a carreira que ele acha melhor, ninguém deveria ser capaz de compelir a própria preferência para a organização social sobre você.

Então, quando se espera que o anarquista responde todas as possibilidades de como a sociedade seria organizada na ausência de um governo, qualquer falha para responder perfeitamente qualquer uma das perguntas válida completamente a posição do anarquista.

Se nós reconhecemos que nenhum indivíduo tem a capacidade de governar a sociedade (“ditadura”), e se nós reconhecemos que nenhum grupo da elite tem a mesma capacidade (“aristocracia”, nós somos, então, forçados a defender o absurdo moral e prático da “democracia”.

Anarquia e Democracia

Pode ser considerado loucura tentar resgatar a palavra “anarquia” – porém, difamar a palavra “democracia” parece ser algo além do limite da loucura. Poucas palavras tem recebido mais referência no mundo ocidental moderno. Democracia é em sua essência a idéia que todos nós comandamos a sociedade. Nós escolhemos indivíduos para representar nossos desejos, e então a maioria tem impostos seus desejos em todos os outros, sujeito idealmente às limitações de certos direitos inalienáveis.

Os aspectos irracionais da democracia são bem difíceis de enxergar, por causa da grande quantidade de propagandas intermináveis que a apoiam (embora somente nas democracias, que está se falando), mas é impossível ignorá-los uma vez que se tornam evidentes.

A democracia é baseada na ideia que a maioria possui conhecimento suficiente para saber como a sociedade deve ser comandada, e manter os limites de leis morais básicas. Os eleitores são geralmente considerados capazes de julgar a economia, política internacional, educacional, caridade, política monetária, assistência de saúde, política militar et al políticas propostas pelos políticos. Esses eleitores então escolhem sabiamente entre esse buffet de várias propostas políticas, e a maioria escolhe sabiamente o suficiente que, o quer que seja promulgado, é de fato uma política sábia – e seu líder escolhido então decreta o que ele ou ela prometeu antecipadamente, e o buffet de propostas do líder é inteiramente sensato, e nenhuma parte desse buffet requer compromisso moral. Também, a maioria é virtuosa o suficiente para respeitar os direitos das minorias, mesmo que ela as domine politicamente. Poucos de nós poderiam apoiar a ideia de uma democracia em que a maioria pode votar para colocar a minoria para morrer, digamos, ou roubar toda a sua propriedade.

Além disso, mesmo para a ideia de democracia funcionar, a minoria deve ser considerada sábia e virtuosa o suficiente para aceitar as decisões da maioria.

Em resumo, a democracia é derivada das premissas que:

A. A maioria dos eleitores é sábia e virtuosa o suficiente para julgar uma variedade incrivelmente ampla de propostas complexas por políticos.

B. A maioria dos eleitores é sábia e virtuosa o suficiente para se abster do desejo de impor sua vontade arbitrariamente sob a minoria, mas em vez disso irá respeitar certos ideais morais universais.

C. A minoria dos eleitores que é anulada pela maioria é sábia e virtuosa o suficiente para aceitar ser anulada, e irá pacientemente esperar a próxima eleição em ordem de tentar ter sua voz mais um vez, e irá respeitar os ideais morais universais de sociedade.

Isso, claro, é uma completa contradição. Se a sociedade está tão cheia de almas sábias, brilhantes virtuosas e pacientes, que todos respeitam ideais morais universais e estão querendo colocar de lado suas próprias preferências particulares em prol do bem comum, pra que diabos nós precisamos de um governo?

Sempre que essa questão é levantada, a imagem brilhante da "cidadania nobre" misteriosamente desaparece, e todos os tipos de espantalhos são levantados em seu lugar. "Bem, sem um governo, todo mundo estaria em conflito constante, não teriam estradas, os pobres não seriam educados, os velhos e doentes morreriam nas ruas etc. etc. etc."

Essa é uma contradição enorme e evidente, e vale informar que não está presente em nenhum lugar do discurso de qualquer pessoa no mundo moderno.

A democracia é válida somente porque quase todo mundo é sábio e moral, nos dizem. Quando nós aceitamos isso, e questionamos a necessidade de um governo, a história subitamente muda, e nós dizem que nós precisamos de governo porque quase todo mundo é amoral e egoísta.

Você vê como nós temos uma relação ambivalente não somente com o anarquismo, mas com a própria democracia?

Da mesma forma, sempre que um anarquista fala sobre uma sociedade sem estado, imediatamente espera-se que ele produza evidência que cada pessoa pobre no futuro irá ser bem cuidada por caridade voluntária.

Novamente, isso envolve uma contradição gigantesca, que envolve a democracia.

O estado de bem-estar social, pensões aos idosos, e educação “gratuita” para os pobres, todos são considerados em uma democracia reflexos válidos das vontades virtuosas do povo – esses programas governamentais são oferecidos pelos políticos, e voluntariamente aceitos pela maioria que votou nele, e também voluntariamente aceitos pela minoria que concordou em obedecer a vontade da maioria!

Em outras palavras, a maioria da sociedade está perfeitamente disposta a doar um enorme pedaço de sua renda com o objetivo de ajudar os doentes, os pobres e os idosos – e nós sabemos isso porque esses programas foram votados e criados por governos democráticos!

Ah, dizem os anarquistas, então nós já sabemos que a maioria das pessoas estará perfeitamente disposta a ajudar os doentes, os idosos e os pobres em uma sociedade sem estado – democracia gera evidência empírica e incontestável desse simples fato!

De novo, quando esse argumento básico é apresentado, o mito da nobre cidadania evapora mais uma vez!

“Oh não, sem o governo para forçar as pessoas a serem caridosas, ninguém mexeria um dedo para ajudar os pobres, as pessoas são tão egoístas, elas não se importam etc. etc. etc.”

Esse paradoxo não pode ser desfeito neste nível de insanidade. Se um governo democrático deve forçar uma população egoísta e indisposta a ajudar os pobres, então os programas do governo não refletem a vontade do povo, e a democracia é uma mentira, e nós devemos nos livrar dela – ou pelo menos parar de fingir de votar.

Se a democracia não é uma mentira, então os programas existentes do governo representam fielmente a vontade da maioria, e então o pobre, o doente e o idoso nada terá a temer de uma sociedade sem estado – e irão, por várias razões, ser muito melhor cuidados pela caridade privada que por programas governamentais.

Agora é fácil simplesmente livrar-se das contradições acima e dizer que em algum lugar, de alguma forma, apenas deve ter uma boa resposta a estas objeções.

Embora isso possa ser uma coisa agradável a se fazer no curto prazo, não é algo que eu tive muita sorte fazendo a longo prazo. Essas contradições voltam e me atormentam – e

estou realmente muito feliz que elas tenham feito isso, pois acho que o progresso do pensamento humano depende totalmente de nós tomarmos nada como garantido.

A principal virtude é sempre a honestidade, e nós devemos ser honestos o suficiente para admitir quando nós não temos respostas racionais para essas objeções racionais. Isso não significa que nós devemos imediatamente vir com novas “respostas”, mas somente pensar sobre as questões por um tempo, ponderá-las, olhar para as fraquezas e contradições de nossas objeções – e somente quando nós estivermos satisfeitos que as objeções são válidas nós devemos começar a olhar para respostas racionais e empíricas para uma das maiores e mais antigas “soluções” comumente aceitas.

Esse processo de deixar de acreditar em não-respostas é fundamental para a ciência, filosofia – e é o primeiro passo em direção ao anarquismo, ou a aceitação que a violência nunca é uma solução válida para problemas não-violentos.

Anarquia e Violência

Um dos equívocos verdadeiramente trágicos sobre anarquismo é o grau em que o anarquismo é associado com violência.

Violência, como é normalmente definida, é a iniciação do uso da força. (A palavra “iniciação” é exigida para diferenciar a categoria de autodefesa.)

Já que a palavra “ambivalente” parece ser o tema desse livro, é importante entender que aqueles que advogam ou apoiam a existência de um governo têm uma relação altamente ambivalente com a violência.

Para entender o que eu quero dizer com isso, primeiramente é essencial reconhecer que a tributação – o fundamento de qualquer sistema estatista – cai inteiramente sob a categoria de “a iniciação do uso da força.”

Os governos reivindicam o direito de tributar os cidadãos – que é, quando você olha pra isso empiricamente, um grupo de indivíduos reivindicando o direito moral de iniciar o uso da força contra outros indivíduos.

Agora, você pode acreditar em todas as razões do mundo pra que isso seja justificado, moral, essencial, prático e tudo mais – mas o que tudo isso realmente significa é que você tem uma relação ambivalente com o uso da força. Por um lado, você condena sem dúvidas como vilã a iniciação do uso da força nos casos de ladrões comuns, assalto, assassinato, estupro, e tudo mais.

Na verdade, é a adição de violência que faz atos específicos ruins ao invés de neutros, ou bons. Sexo mais violência igual a estupro. Transferência de propriedade mais violência igual a roubo. Remova violência da transferência de propriedade, e você tem mercado, ou caridade, ou empréstimo, ou herança.

Entretanto, quando se chega ao uso da violência na transferência de propriedade dos “cidadãos” ao “governo”, essas regras morais não são somente neutralizadas, mas revertidas ativamente.

Nós vemos isso como um bem comum resistir a um crime se possível – não uma necessidade absoluta, mas certamente uma ação perdoável se não louvável. Porém,

resistir a extração forçada de sua propriedade pelo governo é considerado ignóbil, e errado.

Por favor note que eu estou tentando convencer você da posição anarquista nessa (ou qualquer outra) seção desse livro. Eu considero que é uma tarefa demasiado imensa mudar sua ideia sobre isso em um trabalho tão curto – e, além disso, se você estiver preocupado com contradições lógicas, eu poderia roubar-lhe a emoção e a excitação intelectual de explorar essas ideias por si mesmo.

Então em uma democracia, nós temos uma relação altamente ambivalente com a própria violência. Nós tanto tememos e odiamos a violência quando ela é declarada por cidadãos privados em perseguição a objetivos – geralmente considerados negativos – pessoais. Entretanto, nós louvamos a violência quando ela é declarada por cidadãos públicos em perseguição a um objetivo – geralmente considerado positivo – coletivo.

Por exemplo, se um homem pobre rouba um homem rico sob a mira de um revólver, nós podemos sentir uma certa simpatia pelo desespero do ato, mas nós ainda iremos buscar sanções legais contra o assaltante. Nós reconhecemos que a pobreza relativa não é uma desculpa para o roubo, devido a imoralidade do ato de roubar, e também porque se nós permitirmos os pobres de roubarem os menos pobres, nós sentimos que o colapso social é um resultado inevitável. A ética de trabalho do pobre iria ser diminuída – como seria a dos menos pobres, e a sociedade em geral seria dissolvida em facções em guerra, em detrimento econômico e social de todos.

Porém, quando nós institucionalizamos esse mesmo princípio na forma do estado de bem-estar social, é considerado ser um bem nobre e virtuoso o uso da força para retirar dinheiro dos mais ricos, e dar aos menos ricos.

Novamente, esse livro não é feito pra ser nenhum tipo de argumento robusto contra o estado de bem-estar social – pelo contrário, foi feito para apontar as enormes contradições morais nele – e sua ambivalência fundamental para – o uso da violência para atingir fins preferenciais.

Anarquia e Guerra

Talvez eu tenha sido condenado a essa perspectiva particular desde pequeno. Eu cresci na Inglaterra nos anos 70, quando a sombra da Segunda Guerra Mundial ainda pairava no cenário mental. Eu li quadrinhos de guerra, vi filmes de guerra, ouvi detalhes de batalhas épicas, e fiquei em silêncio durante reuniões familiares bastante desconfortáveis, onde o lado britânico do meu pai tentou conversar com os alemães do lado da minha mãe.

Eu não pude deixar de pensar, mesmo quando eu tinha seis ou sete anos de idade, que se meu tio paternal saltasse sobre a mesa e estrangulasse meu tio maternal, isso seria visto como um horror imoral para todos os envolvidos, e ele iria sem dúvida para a cadeia, provavelmente para o resto da vida.

Por outro lado, se eles tivessem colocado uniformes, e estivessem dispostos em um campo de batalha de acordo com os caprichos de outros homens de uniforme, tal assassinato poderia ser aclamado como um sacrifício nobre e medalhas poderiam ser dadas, e pensões providas, e desfiles possivelmente aconteceriam.

Assim, mesmo naquele tempo de toalhas brancas macias e talheres suaves tinindo, eu mentalmente mastigava sobre o problema que assassinato é igual a mal, e também que assassinato é igual a bom. Assassinato é igual a prisão e assassinato é igual a medalhas.

Quando eu era um pouco mais velho, depois que “O Poderoso Chefão” saiu, uma enorme quantidade de filmes de gângsters espalhou seu vermelho-sangue através das telas do cinema. Nessas histórias, certas “virtudes” tribais como lealdade, dedicação e obediência a ordens eram retratadas como relativamente nobres, mesmo que esses açougueiros despejassem sua trilha de sangue em câmera lenta, geralmente ao som de música clássica, e chegando ao triste fim respingando sangue no concreto nu.

Esse paradoxo também me paralisou: “Assassinar um homem porque outro homem te manda – e te paga – é um mal e um mal irre recuperável.”

Então, é claro, outro filme de guerra poderia sair, com a mensagem moral exatamente oposta: “Assassinar um homem porque outro homem te manda – e te paga – é um bem virtuoso e corajoso.”

Eu me lembro de trazer essas contradições de vez em quando com os adultos em volta de mim, somente para encontrar uma irritação condescendente, geralmente seguida por uma necessidade como se eu preferisse na verdade estar falando alemão no momento.

Quando eu me tornei mais velho, e aprendi um pouco mais sobre o mundo, essas contradições não foram se resolvendo por si só, mas sim cresceram sem parar. Nós lutamos a Segunda Guerra Mundial contra o Nacional-Socialismo, disseram-me, enquanto eu mastigava hambúrgueres de soja terríveis, tremia de frio e me disseram que eu não podia tomar banho, porque os sindicatos estatais nacionalizados estavam afetando a economia britânica.

Disseram-me que eu tinha que ficar com muito medo dos impulsos egoístas de meus concidadãos – e também que eu tinha que respeitar suas vontades quando eles escolhessem um líder. Disseram-me que o propósito de minha educação era me permitir pensar por mim mesmo, mas quando eu tomava decisões que aquelas autoridades não concordavam, eu era desprezado e humilhado, e meu raciocínio nunca era examinado.

Disseram-me que eu não deveria usar violência pra resolver meus problemas, mas quando eu subia em um muro que eu aparentemente não deveria, eu era levado à sala do diretor, onde ele me batia com uma bengala.

Disseram-me que os britânicos eram os mais sábios, mais corajosos e mais virtuosos do planeta – e também que não era pra eu desobedecer aqueles que têm autoridade.

Quando me ensinaram matemática e ciências, eu era punido por pensar irracionalmente – e então, quando eu perguntava questões delicadas sobre a existência de deus, eu era punido por tentar pensar racionalmente.

Fui ridicularizado de covarde sempre que sucumbia à pressão dos colegas – e também ridicularizado por minha falta de interesse em aplaudir a nossa equipa de futebol local.

Quando eu propus pensamentos que aqueles que têm autoridade discordavam, eles exigiam que eu fornecesse provas; quando eu pedia que eles fornecessem evidências para suas crenças, eu era punido por insubordinação.

Isso não é nada peculiar a mim – todas as crianças passam por esse tipo de moedor de carne mental – mas eu não posso ajudar porém penso, a medida que cresci, que o que

passou a ser "pensar" na sociedade era mais ou menos uma série interminável de manipulações destinadas a servir quem está no poder.

O que mais me perturbou emocionalmente não foi o absurdo e as contradições que me cercaram, mas sim o fato incontestável de que elas pareciam completamente invisíveis para todos. Bem, isso não é bem verdade. É mais correto dizer que essas contradições eram visíveis exatamente à medida em que elas eram evitadas. Todo mundo passava por um campo minado, alegando que não era um campo minado, mas evitando as minas a todo custo.

Ficou muito claro para mim muito rapidamente que eu morava em uma espécie de universo moral e intelectual negativo. As questões éticas que valiam mais a pena examinar eram aquelas que eram as mais zombadas, ridicularizadas e atacadas. O que era virtuoso era o que tantas vezes era considerado o mais vil – e o mais vil era o que era muitas vezes considerado o mais virtuoso.

Quando eu tinha 11, eu fui para o Ontario Science Center, que tinha uma exposição interessante e desafiante onde você tentava traçar o contorno de uma estrela olhando em um espelho. Eu sempre lembrava esta exposição, e só agora percebo porque – porque esta foi a minha experiência direta ao tentar mapear a ética e as virtudes proclamadas pelos que me rodeavam – principalmente aqueles com autoridade.

Em nenhum lugar estas contradições eram mais pronunciadas do que na questão da guerra.

Levei muito tempo para perceber isso, porque o espetáculo, fogo e sangue da guerra é muito distrativo, mas a verdadeira violência da guerra não ocorre no campo de batalha, mas na pátria.

A carnificina do conflito é apenas um efeito da violência central que apoia a guerra, que é a escravidão militar dos cidadãos nacionais através do alistamento – e ainda mais importante, o roubo direto do seu dinheiro que financia a guerra.

Sem o dinheiro para financiar uma guerra – e pagar os soldados, sejam eles alistados ou não – a guerra é impossível. A violência real do campo de batalha é um mero efeito da violência ameaçadora em casa. Se os cidadãos não pudessem ser forçados a financiar a

guerra – seja no presente, na forma de impostos, ou no futuro através de financiamento do déficit – então a carnificina do campo de batalha nunca poderia acontecer.

Eu tenho lido muitos livros e artigos sobre as origens da guerra – se é o nacionalismo, forças econômicas, premissas filosóficas defeituosas, conflitos de classe e assim por diante – nenhum deles abordou a questão central, que é como a guerra é paga. Isto é como utilizar explicações meramente psicológicas para explicar o porquê das pessoas jogarem na loteria, sem mencionar nenhuma vez o seu interesse no dinheiro do prêmio. Por que as pessoas se tornam médicos? Será que é porque eles têm uma necessidade psicológica de apresentarem-se como curandeiros divinos, ou porque é agradável à sua mãe e seu pai, ou porque estão se punindo secretamente, ou porque possuem um desejo altruísta de curar os doentes? Estas podem ser teorias interessantes para seguir, mas são meros efeitos do fato básico de que os médicos são muito bem pagos pelo que fazem.

Certamente teorias psicológicas ou sociológicas podem explicar porque uma pessoa em particular opta por se tornar um médico ao invés de exercer alguma outra ocupação bem paga – mas certamente deveríamos, pelo menos, começar com o fato de que, se os médicos não fossem pagos, quase ninguém se tornaria um médico. Por exemplo, se uma pílula mágica fosse inventada amanhã que garantisse saúde perfeita para sempre, não haveria mais médicos – porque ninguém pagaria por um serviço desnecessário. Assim, a principal origem dos médicos é – pagamento.

Da mesma forma, pode-se teorizar indefinidamente sobre o psicológico, sociológico ou causas econômicas da guerra, mas se nunca falarmos sobre o simples fato de que a primeira causa de guerra é o roubo doméstico e a escravidão militar, então tudo o que se segue permanece um mero subterfúgio abstrato e sem ar intelectual, mais projetado para esconder a verdade do que revelá-la.

Nós só podemos apontar armas para inimigos estrangeiros porque nós primeiramente apontamos as armas para os cidadãos nacionais.

Sem tributação, não pode haver guerra.

Sem os governos, não pode haver tributação.

Assim, os governos são a primeira causa da guerra.

A verdade da questão, creio eu, é que no fundo nós sabemos que se nós retirarmos este único segmento – que a coerção contra os cidadãos é a raiz da guerra – nós sabemos que muitas outras discussões também serão desvendadas.

Se reconhecermos que a violência é a raiz da guerra – violência doméstica, e não violência estrangeira – então nós encaramos o âmago e a verdade nua e crua na raiz da nossa sociedade, e na maioria das nossas aspirações morais coletivas.

O âmago e a verdade nua e crua na raiz de nossa sociedade é que nós realmente, realmente gostamos de usar a violência para ter as coisas feitas. Na verdade, é mais do que uma mera preferência estética ou pessoal – nós definimos o uso da violência como uma necessidade moral na nossa sociedade.

Como devemos educar as crianças? Para isso, temos de forçar seus pais – e todos os outros – a pagar a sua educação sob a mira de um revólver!

Como devemos ajudar os pobres? Para isso, temos de forçar os outros na sociedade a pagar por seu apoio a mão armada!

Como devemos curar os doentes? Para isso, temos de forçar todos a pagarem os cuidados médicos na mira de um revólver!

Agora, pode ser o caso que esgotaram todas as outras possibilidades e formas de lidar com esses problemas complexos e desafiadores, e que fomos forçados a cair novamente em punição, coerção e controle como necessidades lamentáveis, e estamos constantemente à procura de maneiras de reduzir o uso da violência em nossas soluções para esses problemas.

No entanto, não é esse o caso, quer empiricamente ou racionalmente.

A educação das crianças pobres, ao socorro dos pobres e a cura do doente, tudo ocorreu por meio de instituições beneficentes privadas e associações de voluntários muito antes de agências estatais as substituírem. Este é exatamente o que seria de esperar, dado o apoio geral moderno a esses programas estatais, porque todo mundo está tão genuinamente preocupado com estes grupos carentes.

Onde a violência é considerado ser uma solução lamentável, mas necessária para um problema, os em posição de autoridade não se coíbem de falar abertamente sobre isso.

Quando eu era uma criança na Inglaterra na década de 1970, foi contado repetidamente com orgulho pelos meus velhos sobre o uso corajoso da violência contra as potências do Eixo na Segunda Guerra Mundial. Ninguém tentou me dar a impressão de que os nazistas foram derrotados por uma negociação astuciosa e truques psicológicos. Os matadouros intermináveis das duas Guerras Mundiais não foram mantidos escondidos de mim, mas a violência foi sim elogiada como uma necessidade lamentável, mas moral.

As crianças americanas são informados sobre os ataques nucleares em Hiroshima e Nagasaki – o abate e o envenenamento por radiação de centenas de milhares de civis japoneses não é mantido em segredo, não é contornado, ignorado ou reprimido na narração da história.

Mesmo quando a guerra em questão era em si questionável, como a guerra do Vietnã, ninguém se esquivava da verdadeira natureza do conflito, que foi um assassinato genocida interminável.

Eu não acredito em nenhum momento que todos esses genocídios e massacres eram moralmente justificáveis – ou mesmo praticamente obrigatórios – mas a minha opinião é certamente uma opinião minoritária, e já que a maioria acredita que estes assassinatos foram ambos moralmente justificados e praticamente necessários, eles se sentem totalmente confortáveis discutindo abertamente a violência que consideraram inevitável.

No entanto, este não é o caso quando se fala em soluções estatistas para os problemas de caridade e saúde. Você poderia passar toda uma carreira acadêmica nesses campos, e ler infindáveis livros e artigos sobre o assunto, e nunca encontraria qualquer referência ao fato de que essas soluções são financiadas através da violência. Só para você poder entender como isso é realmente estranho, imagine passar 40 anos como um historiador profissional de guerra, e nenhuma vez cruzar com a ideia de que a guerra envolve violência. Não poderíamos considerar isso uma evasão notória de um fato bastante básico?

Esta é uma comparação bastante volátil eu sei, mas vimos o mesmo fenômeno ocorrendo na Rússia Soviética. Quase nenhuma referência foi feita aos gulags na literatura oficial do estado, particularmente aquela literatura destinada a ser consumida no exterior. As dezenas de milhares de presos de campos de concentração não apareceram em nenhum lugar na narrativa geral ou acadêmica da União Soviética – quando o livro "Um Dia na

Vida de Ivan Denisovich" finalmente apareceu, mesmo esse conto relativamente suave do dia-a-dia da vida de um interno no campo de prisão foi recebido com choque, escárnio, horror e raiva por aqueles encarregados de defender a narrativa.

Não pode ser verdade que quando a sociedade está realmente orgulhosa de algo, a verdade é mantida misteriosamente escondida de vista. Podemos imaginar os fãs do New York Yankees trabalhando ativamente para reprimir o fato de que sua equipe venceu a World Series? Podemos imaginar os líderes comunistas da China suprimindo a notícia de que seus atletas haviam conquistado medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos? Podemos imaginar um departamento de polícia trabalhando febrilmente para censurar os fatos sobre uma grande redução na taxa de criminalidade?

Claro que não. Quando estamos realmente orgulhosos de uma conquista, não nos abstermos de falar sobre as suas causas. Um atleta olímpico vai falar com orgulho sobre os anos de intermináveis sessões de treinamento; um empreendedor de sucesso não vai esconder as décadas de trabalho duro que o levaram para o sucesso, uma mulher que lutou com sucesso para perder peso não irá usar vestir um terno para obesos quando ela for à sua reunião de ex-alunos do colegial.

No entanto, quando uma realidade fundamental entra em conflito com uma narrativa mitológica, acadêmicos, intelectuais e outros líderes culturais são bem compensados pela sua capacidade de ignorar completamente aquela realidade fundamental – e, geralmente, selvagememente atacam e ridicularizam qualquer um que a traga à tona.

A anarquia e a proteção

Uma das realidades com as quais os anarquistas se deparam - e que certamente é digna de discussão - é a de que os governos alegam servir e proteger seus cidadãos. Quando eu era criança e questionava eticamente a Segunda Guerra Mundial, me foi perguntado se eu preferiria falar alemão. Em outras palavras, os corajosos homens e mulheres das forças Aliadas deram suas vidas e seu sangue para me defender dos predadores estrangeiros que certamente me escravizariam. Essa abordagem reforça a noção básica de que o governo estava tentando proteger seus cidadãos.

Da mesma forma, quando eu questiono o uso de violência na educação, as pessoas me dizem que, sem violência - se for admitido que ela existe - os pobres continuarão ignorantes. Essa abordagem reforça a noção básica de que o propósito da violência estatal nesta área é a de educar as crianças.

Pode-se ver o mesmo padrão em todas as outras áreas. Quando eu falo da violência na guerra contra as drogas, dizem-me que, sem essa guerra, a sociedade se entregaria ao vício niilista e à violência - portanto, o objetivo da guerra às drogas é manter as pessoas longe das drogas e seus vizinhos a salvo da violência. Quando eu falo da absurda e coercitiva predação perpetrada pela Previdência Social, dizem-me que, sem ela, os idosos morreriam de fome nas ruas - assim reforçando a narrativa de que o objetivo da Previdência Social é a de prover renda para os mais velhos, sem a qual eles não poderiam se sustentar.

Quando examinamos a narrativa de que o estado existe para proteger seus cidadãos, claramente podemos ver que, se desenterrarmos a realidade básica da violência da cobrança de impostos, uma maligna contradição emerge.

É muito difícil para mim falar que só tenho interesse em proteger você se eu o ataco primeiro. Se eu te surpreender na minha van, colocar um capuz na sua cabeça, te jogar no porta-malas e, depois, te amarrar no meu porão, você aceitaria que eu só queria te proteger como explicação razoável para essa selvageria?

Certamente você diria que, se eu estivesse realmente interessado em mantê-lo a salvo de apuros, por que eu o teria sequestrado e trancado numa sala? Obviamente, se eu inicio o

uso da força contra você, é um tanto irracional (no mínimo) que eu diga que só estou agindo para protegê-lo do uso da força.

Essa é uma razão central por que nunca se fala sobre a agressão que os governos iniciam contra seus cidadãos para conseguir dinheiro e soldados para suas guerras. É difícil sustentar a tese de que os governos existem para proteger seus cidadãos se a primeira ameaça aos cidadãos é sempre seu próprio governo.

Se eu tenho que roubar de você para custear a "proteção" contra roubos da sua propriedade, no mínimo, eu acabo de criar uma contradição lógica inescapável, senão uma situação moral altamente ambígua.

Em geral, quando a coerção é um meio infeliz mas necessário de atingir um bem moral, essa coerção não é escondida dos olhos públicos. Nos dramas policiais, a violência da polícia não é escondida. Nos filmes de guerra, bombas, balas e partes de corpos voam pela tela com grande liberdade.

Contudo, a coerção nas raízes da guerra e dos programas sociais do estado permanece ignorada, não reconhecida, reprimida, escondida; é loucura, uma vergonha e uma imprudência falar sobre ela.

O caçador que usa um silenciador, atira num cervo no meio da noite e cuidadosamente esconde seu corpo, sem deixar rastros, não pode se orgulhar do que faz - e, de fato, ele tem muita vergonha de seu hobby.

Portanto, quando um anarquista olha para a sociedade, ele vê uma vergonha desesperada em relação ao uso da violência para atingir fins sociais como o custeio da máquina militar, a saúde e a educação públicas. Qualquer anarquista que tenha nem que seja um vago interesse em psicologia - e eu certamente me coloco nesta categoria - entende que essa vergonha reprimida é absolutamente tóxica, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade.

Assim, inevitavelmente recai sobre os anarquistas a tarefa ingrata de "desenterrar o corpo no jardim", ou seja, de apontar para o comum, predominante e crescente uso da violência para atingir objetivos morais na sociedade. "Isso é certo?", pergunta o anarquista - plenamente consciente dos olhares hostis e ressentidos que recebe daqueles à sua volta. "Como pode a violência ser tanto o maior mal quanto o maior bem?" "Se a violência que

usamos para atingir nossos fins morais é, de fato, justificada e boa, por que nos envergonhamos tanto de falar dela?"

Ser anarquista, dessa forma, requer grande resistência à desaprovação e hostilidade social.

Quando as pessoas exaurem todas as outras possibilidades, elas tendem a não se constrangerem em adotar suas soluções eventuais. Mesmo que nós adotemos a narrativa oficial da Segunda Guerra Mundial por seu valor nominal, os vencedores só foram capazes de expressar orgulho porque a narrativa incluiu a significativa ressalva de que não havia outra resposta possível à agressão dos alemães, italianos e japoneses.

Pais tendem a ser muito abertos sobre as palmadas aplicadas em suas crianças se eles realmente acreditam que nenhuma outra alternativa racional ou moral existe ao uso da violência. Se bater numa criança é o único jeito de ensiná-la a ser um adulto bom, produtivo e racional, então não bater nela é obviamente uma forma de permissividade parental, isso se não for um tipo de abuso. Dessa maneira, bater na sua filha se torna uma responsabilidade moral, um bem, da mesma forma que segurá-la se ela tentar correr para uma via com trânsito intenso e fazê-la comer suas verduras e legumes são bens.

Esse tipo de pai ou mãe, evidentemente, reage com ultraje e indignação se a ele for sugerido que há alternativas mais produtivas à violência no trato com crianças - pela óbvia razão de que, se essas alternativas efetivamente existirem, a violência se transforma de um bem a um mal moral.

Essa é a situação enfrentada pelo anarquista quando ele fala de alternativas não-violentas às atuais "soluções" coercitivas. Se há uma maneira não-violenta de ajudar os pobres, tratar os doentes, educar as crianças, proteger as propriedades, construir estradas, defender áreas geográficas, mediar disputas, punir criminosos e assim por diante - então o estado se transforma, de uma instituição infelizmente necessária, num monopólio obviamente criminoso.

Essa é uma pílula difícil de se engolir para a maioria das pessoas, por diversas razões psicológicas, pessoais, profissionais e filosóficas.

A anarquia e a moralidade

Outro paradoxo que a anarquia expõe desconfortavelmente é a contradição entre a coerção e a moralidade.

Nós, geralmente, reconhecemos e aceitamos o princípio de que, se não há escolha, não há moralidade. Se um homem recebe a ordem de cometer um mal enquanto tem uma arma apontada a sua cabeça, nós teríamos dificuldade em caracterizá-lo como mau - em particular comparado ao homem que empunha a arma para a cabeça dele.

Se aceitarmos a visão aristotélica de que o propósito da vida é a felicidade e aceitarmos a visão socrática de que a virtude traz felicidade, então quando negamos escolhas às pessoas, nós negamos a elas a possibilidade de serem virtuosas e, portanto, negamos a elas a felicidade.

Há grande prazer em ajudar os outros - eu diria que, com certeza, é um dos maiores prazeres que existem, a não ser o próprio amor, que o engloba. Ajudar os outros, contudo, é uma questão muito complexa, que requer atenção pessoal detalhada, padrões rigorosos, uma combinação de encorajamento, austeridade, entusiasmo, simpatia e disciplina - isso para falar só de alguns!

Usar a coerção para forçar a caridade é como usar um sequestro para criar amor. Não apenas o uso da coerção através de programas estatais nega a escolha àqueles que desejam ajudar os pobres - e, assim, o prazer da conquista e a motivação da felicidade - mas corrompe e destrói a complexa troca requerida para elevar uma alma humana acima das que a rodeiam e de suas próprias baixas expectativas.

Se acreditarmos que a violência é um meio válido para atingir objetivos morais - de ajudar os pobres, por exemplo - então há duas outras abordagens que seriam muito mais logicamente coerentes que o roubo e a transferência de riqueza advindos da cobrança de impostos.

Se a violência é o único meio válido para criar "igualdade" econômica, então naturalmente faria mais sentido simplesmente permitir àqueles abaixo de certo nível de renda roubar a diferença dos outros. Se entendemos que as agências estatais de programas sociais tiram para si uma grande parte do dinheiro que arrecadam - e elas representam uma ganância de fato selvagem -, então podemos facilmente eliminar esse custo e, com isso,

ter um sistema mais racional - através da eliminação dos intermediários e da permissão para os pobres de roubar as classes média e alta.

Se essa solução te aterroriza, isso é importante entender. Se você sente que esta proposta se degeneraria em gangues armadas de pobres saqueando bairros mais ricos, então você está dizendo que, na prática, os pobres são pobres porque carecem de autocontrole e juízo e vão pilhar os outros e minar o sucesso econômico e a segurança geral da sociedade para satisfazer seus apetites imediatos, sem pensar no futuro.

Se isso for verdadeiro - se os pobres são realmente esse bando míope e selvagem -, esta claro que eles não têm juízo e autocontrole para votar em eleições democráticas - que tratam essencialmente da transferência forçada de renda. Se os pobres se importam tão somente com a satisfação imediata de seus apetites, sem se importarem com o longo prazo, então eles não deveriam se envolver de forma alguma com a redistribuição coercitiva de renda na sociedade como um todo.

Ah, mas tirar o direito de voto dos pobres te enche de indignação? Muito bem, então podemos presumir que os pobres sejam racionais, capazes e que estejam dispostos a abrir mão dessas satisfações. Se o homem é sábio o bastante para votar acerca do uso da força, então ele certamente é sábio o bastante para usar essa força ele próprio.

Claro, as barreiras para o uso da força pessoalmente são muito maiores do que para votar pelo uso da força num sistema democrático. Se você tiver que empunhar uma arma e ir coletar sua justa propriedade de pessoas mais ricas, essa é uma "barreira de entrada" bastante alta. Se, por outro lado, você simplesmente tem que dar um risco numa cédula de votação a cada quatro anos e, depois, esperar e assistir a chegada dos seus pagamentos, certamente isso vai estimular a escalada da violência na sociedade muito mais rapidamente.

Mas se você ainda sentir que essa solução seria desastrosa porque os pobres agiriam de forma pouco pensada, então você se depara com uma questão correlata, que é a qualidade da educação que os pobres receberam.

A anarquia e a educação

Se os pobres carecem de sabedoria, conhecimento e bom julgamento, mas foram educados pelo governo por quase 15 anos seguidos, então certamente nós acreditamos que eles podem ser educados, mas devemos culpar o governo pelo fracasso em educá-los. Uma vez que os pobres não podem pagar escolas particulares, eles devem entregar seus filhos a escolas governamentais, que têm o monopólio completo e coercitivo sobre sua educação.

Agora, ou os pobres têm a capacidade de ser sábios e inteligentes, ou não têm. Se os pobres têm a capacidade de possuir sabedoria, então o governo é plenamente culpado pelo fracasso de cultivá-la através da educação. Se os pobres não têm capacidade de ser sábios, então o governo é plenamente culpado por desperdiçar enormes recursos numa tentativa fútil de educá-los - e, além disso, eles também não podem ter o direito de votar.

Novamente, embora eu saiba que isso é desconfortável ou irritante de ler, estou resistindo em dar as respostas anarquistas claras e morais para esses problemas aparentemente intratáveis. Se seu apêndice estiver inflamado e eu me oferecer para removê-lo, você certamente vai ficar grato; se eu, por outro lado, me oferecer, na rua, para remover algum órgão seu que você creia ser necessário e saudável, você certamente se veria bem inclinado a me acusar de agressão.

Dado que o anarquismo representa uma ruptura quase completa com a sociedade política - embora, como descrito anteriormente, uma expansão altamente moral e racional da sociedade pessoal -, ele permanece pouco atrativo se nada de errado houver em particular na sociedade política.

Churchill certa vez observou que "a democracia é a pior forma de governo, excetuando-se todas as outras que já foram tentadas". Os anarquistas acreditam que isso sejam verdade, mas acrescentam que nenhuma forma de governo é melhor que governo algum!

Isso não significa dizer que a democracia não é uma forma melhor de governo que a tirania. Certamente é - meu problema é que nós no Ocidente alcançamos a democracia nos últimos séculos e agora parecemos estar eternamente satisfeitos com nossas glórias, por assim dizer.

Eu passei quase 15 anos como empresário no ramo de software, o que pode ter enviesado minha perspectiva sobre a questão em certo grau. A área de software se reinventa quase que inteiramente a cada ano ou dois, aparentemente, o que exige constante comprometimento ao dinamismo, aprendizado contínuo e o abandono de concepções. As rápidas marés da mudança perpétua rapidamente varrem os inertes.

Por isso eu aprecio totalmente o significativo passo adiante representado pela democracia - mas o fato de que algo seja "melhor" não indica que ele é "o melhor".

Quando os cirurgiões medievais perceberam que um paciente tinha melhores chances de sobreviver à gangrena se arrancasse seu membro doente, essa certamente era uma solução melhor - mas dificilmente poderia ser chamada de a melhor solução possível. Reconhecer que a prevenção é sempre melhor que a cura não significa que todas as curas sejam igualmente boas.

Não tenho qualquer dúvida de que o primeiro homem das cavernas a descobrir como começar um fogo dividiu seu conhecimento com sua tribo e que todos da tribo sentaram numa caverna, com seus pés apontados para as chamas ardentes, aquecidos no meio do frio inverno pela primeira vez, e rosnaram uns para os outros: "Bom, não dá para ficar melhor do que isso!"

Sem dúvidas, quando, um milênio depois, alguém percebeu que era mais fácil capturar e domesticar uma vaca do que caçá-las continuamente, todo mundo sentou em volta do fogo, com seus estômagos cheios de leite e disseram uns para os outros: "Bom, não dá para ficar melhor do que isso!"

Essas coisas são melhorias genuínas, para ser claro, e não devemos jamais deixar de apreciar o progresso que fazemos - mas também não devemos automaticamente e interminavelmente presumir que todos os passos à frente que dermos são os finais e mais perfeitos, e que nada jamais pode ser melhorado no futuro.

A democracia é considerada melhor que a tirania - corretamente, eu acredito - porque, em algum grau, ela imita os mecanismos de resposta do livre mercado. Os políticos, diz-se, devem prover bens e serviços aos cidadãos, que respondem através das eleições.

Pareceria lógico continuar a estender mais e mais aquilo que faz com que a democracia funcione. Se eu, como médico, percebo que infecto menos de meus pacientes quando

lavo meu dedo mindinho, faria sentido começar a lavar outras partes de minha mão também.

De fato, é disso que se trata a minha abordagem ao anarquismo. Se o voluntarismo e os mecanismos de resposta - um semi-mercado - são o que torna a democracia superior, então certamente devemos trabalhar o tanto quanto possível para estender esse voluntarismo e esses mecanismos de resposta - em particular porque nós temos exemplos de mercados verdadeiros, que funcionam espetacularmente bem.

A anarquia e as reformas

Há um grande medo entre as pessoas - ou um grande desejo, para ser mais preciso - em relação ao abandono deste sistema, quando existe uma percepção de que ele pode ser reformado.

A democracia é confusa, diz-se - políticos cedem a interesses escusos, cortejam os eleitores com bens "gratuitos", manipulam a moeda para evitar aumentar os impostos diretamente, criam intermináveis e intratáveis problemas nas áreas social, educacional, carcerária, e assim por diante - mas não vamos acabar com tudo só por algumas coisas ruins! Se você tem boas ideias para melhorar o sistema, você deve se envolver, e não sentar no seu sofá e criticar tudo à vista. Um dos raros privilégios de se viver numa democracia é que qualquer um pode se envolver no processo político, desde se candidatar à mesa diretora da escola local até para ser primeiro ministro ou presidente de todo o país! Campanhas para escrever cartas, ativismo junto ao povo, blogs, associações, clubes - há inúmeras formas de se envolver no processo político.

Dado o grau de possibilidade de resposta disponível ao cidadão médio numa democracia, faz pouco sentido a agitação pela mudança do sistema como um todo. Dado que o sistema é tão flexível e responsivo, é impossível imaginar que ele possa ser substituído por qualquer outro sistema que seja mais flexível - portanto o ideal prático para qualquer um que esteja interessado em mudanças sociais é o de trazer suas ideias ao "mercado" democrático, ver quem está disposto a apoiar essa ideia, e implementar essa visão dentro do sistema - pacífica, política e democraticamente.

Esse é um maravilhoso conto de fadas, que só tem a leve desvantagem de não ter efetivamente nada a ver com a democracia.

Quando nós pensamos num mercado verdadeiramente livre - conhecido também simplesmente como "livre mercado" - nós entendemos que não temos que trabalhar por anos e anos, abrir mão de milhares de horas e dezenas ou centenas de milhares de dólares para satisfazer nossos desejos. Se eu quero comprar comida vegetariana, digamos, eu não tenho que gastar anos fazendo lobby no supermercado local, ou me juntando a algum conselho diretor ineficaz, ou plantando placas no meu jardim, ou

escrevendo cartas, ou influenciando a todos no bairro - tudo o que eu tenho que fazer é ir e comprar comida vegetariana, localmente ou pela internet, se eu quiser.

Se eu quero sair com uma mulher em particular, eu não tenho que fazer lobby junto a todos num raio de 10 quadras, conseguir com que eles assinem uma petição, ou façam estimulantes discursos sobre meu valor como namorado, ou dedicar anos de minha vida para conseguir a aprovação coletiva da minha tentativa de chamá-la para um jantar. Tudo o que eu tenho que fazer é me aproximar, pedir para sair com ela e ver se ela diz "sim".

Se eu quero ser um médico, eu não tenho que passar anos fazendo lobby junto a todos os outros médicos no país para conseguir uma aprovação pela maioria para a minha candidatura. Eu também não tenho que seguir esse caminho se quero me locomover, dirigir um carro, comprar um livro, planejar minha aposentadoria, mudar de país, aprender um novo idioma, comprar um computador, escolher ter um filho, entrar em dieta, começar uma rotina de exercícios, ir para a terapia, doar para caridade, e assim por diante.

Portanto, está claro que os indivíduos têm a "permissão" para tomar decisões grandes e decisivas para suas vidas sem consultar a maioria. Parte esmagadora de nossas vidas é explicitamente anti-democrática, já que nós nos reservamos ao direito de tomar nossas próprias decisões - e cometer nossos próprios erros - sem submetê-las ao escrutínio e à autoridade alheia. Por que é que nós temos a "permissão" de escolher com quem se casar, se queremos ter filhos e como educá-los - mas somos violentamente obrigados a não escolher para que escola eles vão? Por que qualquer decisão que leva a uma decisão de como educar uma criança é completamente livre, pessoal e anti-democrática - mas no momento que a criança precisa de uma escola, uma metodologia completamente contrária é forçada sobre a família? Por que é que a anarquia das decisões pessoais - em direta contradição à autoridade coercitiva - é um imperativo moral para todas as decisões que levam à necessidade de uma escola para a criança - mas, então, as escolhas livres e anárquicas se tornam o maior mal imaginável, e a autoridade coercitiva deve ser colocada em seu lugar?

Há um lado particularmente cínico de mim - o que não significa dizer que o cinismo seja necessariamente indevido - que argumentaria que a razão pela qual não há interferência direta na decisão de ter crianças é porque, dessa forma, as pessoas têm mais filhos, o que é necessário para o estado, para que ele seja aceito pelos cidadãos, da mesma maneira que um fazendeiro precisa que suas vacas deem cria. Aqueles que se beneficiam

do poder político sempre precisam de novos pagadores de impostos, mas certamente não querem pagadores de impostos independentes, críticos e racionais, uma vez que isso é fundamentalmente oposto à posição de pagador de impostos. Assim, eles não precisam interferir com a decisão de ter filhos, apenas com a educação desses filhos - da mesma maneira que um criador de gansos não vai interferir quando os gansos forem botar ovos, mas certamente vai cortar as asas de quaisquer animais que ele deseje manter e a partir dos quais deseje obter lucro.

A anarquia e as exceções

A esta altura, você pode estar pensando que há bons motivos por que a coerção política é colocada em lugar da anarquia pessoal em situações particulares. Talvez haja algum princípio básico que separe os dois que, se descoberto, resolverá esse mistério.

Se eu termino uma relação com uma namorada, eu não devo, legalmente, nada a ela. Se eu caso com ela, porém, devo. Quando eu aceito um novo trabalho, eu posso estar sujeito a um período probativo de alguns meses, quando eu posso ser demitido - ou me demitir - impunemente. Podemos ver vários exemplos de situações análogas - a maior diferença, contudo, é que essas situações são todas voluntárias e análogas.

A justificação do estado - em particular do estado democrático - é fundamentada na ideia do "contrato social". Uma vez que nascemos em determinada localização geográfica, nós "devemos" ao estado lealdade, tempo, energia e dinheiro pelo resto de nossas vidas, enquanto permanecermos no local. Esse "contrato" está aberto a renegociação, se estivermos dispostos a alterar do governo através da participação no processo político - ou podemos deixar o país, assim como podemos deixar um casamento ou um emprego. Esse argumento - que remonta a Sócrates - é baseado numa ideia de contrato implícito que permanece em voga enquanto estivermos dentro dos limites geográficos dominados pelo estado.

Contudo, essa ideia de "contrato social" não passa num teste tão básico que ele é testamento ao poder da propaganda que tal noção tenha durado, como narrativa crível, por mais de 2.000 anos.

Crianças não podem celebrar contratos - e adultos não podem ter contratos impostos sobre si. Assim, nascer em uma determinada localidade não cria qualquer contrato, já que se deve ser um lunático ou um católico para acreditar que bebês recém-nascidos têm quaisquer obrigações.

Portanto, crianças não podem ser submetidas ou responsáveis por quaisquer formas de contrato social implícito.

Adultos, por outro lado, precisam ser capazes de escolher quais contratos celebrarão - se não puderem, não há diferença entre impor um contrato sobre uma criança e impô-lo sobre um adulto. Não é possível dizer que contratos são inválidos para crianças mas

magicamente se tornam válidos quando a criança faz 18 anos e, a partir de então, criam obrigações para o adulto.

Também é importante lembrar que não há fundamentalmente algo que seja "o estado". Quando você paga seus impostos, eles se destinam a uma entidade abstrata semi-corporativa, mas eles são usados por pessoas de carne e osso. Assim, a realidade do contrato social é que ele "rotaciona" entre líderes políticos eleitos, servidores públicos concursados, juízes nomeados, consultores, etc. Essa aglutinação caleidoscópica de pessoas que fazem uso de fato de seus impostos são aqueles com quem é feito o contrato social verdadeiramente. (Isso pode acontecer no livre mercado também, é claro - quando você toma um empréstimo para comprar uma casa, seu contrato é com o banco, não com o agente do empréstimo, e não o segue quando ele muda de emprego.)

Porém, dizer que o mesmo homem pode receber uma obrigação de um contrato imposto unilateralmente representado por uma coalizão perpetuamente mutante de indivíduos, num sistema que foi estabelecido centenas de anos antes que ele tivesse sequer nascido, sem sua escolha - já que ele não escolheu onde nascer - ou aprovação atual explícita é uma afirmação patentemente absurda.

Podemos geralmente aceitar como injusto qualquer padrão de justiça que desqualifique a si próprio. Quando vemos às compras, nós não chamamos de "promoção" quando os preços são aumentados em 30%. Nós não usáramos um "cupom" que adicionasse um dólar ao preço do que quer que estivéssemos comprando - na verdade, nós nem chamaríamos isso de "cupom"!

Se examinarmos o conceito do "contrato social", que é usado como justificativa fundamental para a existência do governo, é mais que razoável perguntar se o contrato social justificaria a aplicação do próprio contrato social! Ou seja, se o governo é moralmente justificado por conta da validade ética de um contrato implícito e unilateral, o governo então vai defender contratos implícitos e unilaterais? Se eu abrir uma concessionária de carros e automaticamente "vender" um carro a todos num raio de 10 quadras, mandando então o boleto de pagamento do carro que eles "compraram" - mandando também o carro, e estendendo essa obrigação a seus filhos por toda a eternidade também - o governo protegeria esse "contrato"?

Acho que todos sabemos a resposta a essa pergunta...

Se eu tentasse levar um contrato social à agência que utiliza como justificativa para sua própria existência o mesmo contrato social, ela riria da minha cara e me chamaria de louco.

Você já começa a perceber claramente em que tipo de contradições lógicas e morais o sistema estatista é baseado?

Muitas vezes durante a história humana, certas sociedades chegaram à válida conclusão de que, se uma instituição não pode ser mais reformada, ela deve ser abolida. O mais notável exemplo é a escravidão, mas nós podemos pensar em outros, como a união da igreja e do estado, a aristocracia oligárquica, as ditaduras militares, os sacrifícios humanos ou animais aos deuses, o estupro como espólio de guerra, a tortura, a pedofilia, a violência doméstica, entre outros. Isso não significa, claro, que todas essas práticas tenham sido extintas, mas significa que em muitas sociedades civilizadas o debate essencial está encerrado e não foi resolvido com a ideia de "reforma" de instituições como a escravidão. A expressão "regra do polegar" veio de uma tentativa de reformar as regras para o espancamento de esposas, e restringi-lo a pancadas com uma vara de espessura menor que o polegar. [N. do T.: A expressão em inglês "rule of thumb", literalmente "regra do polegar", designa um princípio básico utilizado como guia em certa questão.] Essa prática não foi reformada, mas abolida.

Essas reformas podem ter sido muito bem intencionadas, mas só podemos chamá-las de éticas por serem passos em direção ao objetivo final, que era a eliminação do conceito de espancar as esposas como norma moral. Da mesma maneira, alguns reformadores tentaram conseguir que os senhores de escravos batessem menos em seus escravos, ou menos severamente; porém, em retrospecto histórico e com nosso desenvolvimento moral, podemos ver que a instituição da escravidão jamais poderia ser reformado e tinha que ser abolida. Nós podemos apenas encontrar estímulo nessas reformas até o ponto em que elas reduzem o sofrimento presente, enquanto temos a esperança de que elas encorajem o objetivo de abolir a escravidão.

Qualquer moralista que dissesse que acabar com a escravidão fosse ser criminoso e moralmente desastroso, e que estimulasse os escravos a tentar trabalhar dentro do sistema, ou aconselhasse os donos de escravos a tratar seus escravos com menos brutalidade, mal poderia ser chamado de moralista, pelo menos de acordo com os padrões atuais. Em vez disso, nós denominaríamos esse "reformador" de conveniente

apologista da brutalidade existente do sistema. Ao fingir que os males inerentes na escravidão poderiam ser mitigados ou eliminados através de reformas internas voluntárias, esses "moralistas" na verdade atrasaram ou paralisaram o processo rumo à abolição em várias áreas. Ao manter a falsa esperança de que uma instituição maligna pudesse ser transformada em boa, esses sofistas diminuíram o impacto do argumento moral, que era o de que a escravidão é inerentemente má e que, portanto, não pode ser reformada.

O conselho "estupe mais gentilmente" é um oxímoro. O estupro é o contrário da gentileza, o oposto da moralidade.

É assim que vários anarquistas veem a proposição de que o sistema existente de violência política deva ser reformado internamente de alguma maneira, e não oposto fundamentalmente em termos morais, como mal absoluto, baseado na coerção e na brutalidade, em particular direcionada às crianças - com a consequência inevitável de que sua única salvação só pode advir de sua abolição completa.

Anarquismo e Realidades Políticas

Junto com os argumentos anarquistas morais contra o uso da força para resolver problemas, vêm muitos argumentos econômicos bem desenvolvidos contra a estabilidade a longo prazo de qualquer sistema político democrático.

Para dar apenas um exemplo, vamos olhar para o problema dos incentivos desiguais. Nos Estados Unidos, milhares de produtores de açúcar recebem subsídios estatais massivos e proteção coercitiva contra concorrentes estrangeiros - benefícios que estão em vigor, para a maior parte, desde fim da guerra de 1812. Embora 1,2 bilhões dólares tenham sido gastos em 2005 subsidiando a produção de açúcar, a maioria do dinheiro vai para umas poucas dezenas de cultivadores.

Estes subsídios ao açúcar custam bilhões de dólares à economia dos Estados Unidos anualmente, enquanto custa a rede principal de produtores de açúcar apenas alguns milhões de dólares por ano. O consumidor médio americano teria de lutar por anos, gastar incontáveis horas e dólares tentando derrubar os subsídios no Congresso - para salvar o quê? Uns poucos dólares per capita por ano? Ninguém em sã consciência o tentaria.

Por outro lado, é claro, estes produtores de açúcar vão gastar todo o tempo e dinheiro necessários para preservar esse fluxo massivo de dinheiro. Não é tão difícil de descobrir quem irá apresentar "incentivos" fortes - para dizer o mínimo - ao Congresso. Não é tão difícil de entender quem vai doar tanto quanto humanamente possível a um político em campanha. É embaraçosamente fácil de descobrir quem vai continuar ligando para o deputado às 2 da manhã ameaçando-o por ousar questionar o valor dos subsídios, e promete dinheiro se este resolver se calar.

Os políticos, assim como muitos de nós, tomam o caminho racional, aquele que oferece menor resistência. Um congressista não receberá nenhum agradecimento eliminando esses subsídios e devolvendo alguns poucos dólares para o bolso do contribuinte médio - tal "benefício" passaria praticamente despercebido. No entanto, os produtores de açúcar elevariam o inferno aos céus, como fariam todos seus empregados, seus apoiadores, os profissionais que empregam, e qualquer outra pessoa que se beneficie da concentração de riqueza ilícita que eles gostam.

Além disso, deveriam ser cortados os subsídios, e o preço de uma barra de chocolate diminuído em um centavo, se o máximo que poderia acontecer é algum outro político impor um imposto de, digamos, um centavo por barra de chocolate - para salvar os dentes das crianças, é claro - o que gera mais dinheiro para ser desviado, anulando qualquer benefício para o consumidor. Será que algum político racional faria uma política que enfurecesse os seus apoiadores, fortalecendo os seus inimigos sem ganhar novos amigos?

É claro que não.

Além disso é fácil de ver que enquanto não existem incentivos para se fazer a coisa certa, existe todo incentivo concebível para se fazer a coisa errada. No caso dos subsídios ao açúcar, o fardo que cabe ao consumidor é de apenas alguns dólares ao ano - multiplique isso, no entanto, milhares e milhares de vezes, para cada grupo de interesses especiais, e nós poderemos ver de que forma o contribuinte irá inevitavelmente padecer não por decapitação, e sim pelas mordidas de milhares de mosquitos, cada um se alimentando de uma gota de seu sangue.

Nenhum governo democrático jamais sobreviveu sem tomar para si o monopólio da moeda. A razão para isto é simples - políticos precisam de votos, mas esta razão é difícil de manter se aqueles aos quais você dá o dinheiro têm de pagar esse dinheiro de volta na forma de impostos mais altos. Os contribuintes vão se dar conta desse jogo rapidamente, então os políticos precisam encontrar outras formas de ofuscar e tapear os contribuintes. Déficit financeiro é uma forma - dê dinheiro ao povo no presente e então deixe a conta para as suas crianças pagarem em um ponto indefinido no futuro, quando você não mais estará no poder - perfeito!

outra ótima forma de se fingir que se está dando dinheiro ao povo é inflacionando a sua moeda através da impressão de mais dinheiro. Desta forma, você pode dar a um homem cem dólares hoje, e apenas reduzir o seu poder de compra do seu dinheiro em 5% no próximo ano através da impressão de mais moeda. Ninguém terá qualquer ideia do que realmente está acontecendo, e, além disso, você sempre terá o meio privado para culpar por "explorar" o consumidor.

Outra solução adotada pelos governos é prometer aos sindicatos do setor público aumentos nos salários, medida cujos efeitos só aparecerão no final do seu mandato como

político, deixando a conta para a próxima administração pagar. Além disso, você pode assinar contratos perpétuos dando a eles inúmeros benefícios médicos e previdenciários, a maioria dos quais só mostrará seus efeitos quando os beneficiários estiverem mais velhos, bem depois de você já ter deixado o comando.

Em vez disso, você pode vender títulos públicos a longo prazo que dão a você moeda no presente, ao mesmo tempo em que prende os contribuintes à estes por 10, 20 ou 30 anos, além dos juros acumulados no período.

Uma outra opção é começar a licenciar tudo o que estiver a vista - permissões para construção civil, porte de animais e por aí em diante - recolhendo uma quantia considerável de moeda nessas operações, e deixando que os seus sucessores lidem com a diminuição da arrecadação de impostos decorrente da baixa na atividade econômica no futuro.

Ou você pode comprar os votos dos proprietários de apartamentos com o "controle de alugueis" - deixando para as próximas administrações lidarem com a inevitável escassez de apartamentos disponíveis.

Esta lista de medidas possíveis segue indefinidamente - é uma lista mais velha do que as democracias romana e grega - mas o ponto fundamental é que a democracia é sempre insustentável.

Um fato básico nas economias é o de que as pessoas respondem à incentivos - os incentivos em qualquer sociedade estatista - democrática, fascista, comunista, socialista, você escolhe - são sempre desbalanceadas de forma a tornar o tesouro público uma espécie de frenesi de tubarões loucos por sangue.

Bem, dizem os defensores da democracia, o povo sempre podem escolher votar em outro candidato para consertar o sistema!

Um dos aspectos incríveis de se trabalhar a partir de princípios fundamentais, e tirando nossas evidências do mundo real, é que nós não precisamos mais acreditar em qualquer bobagem sem sentido que ouvimos. Com exceção dos períodos após guerras de tamanho considerável, quando os governos precisam reajustar as bases de arrecadação tributária dizimadas, governos democráticos simplesmente nunca diminuem.

A lógica disto é depressivamente simples, e da mesma forma, depressivamente inevitável.

Uma questão central que qualquer eleitor que reivindica ser informado é: Por que o nome desse homem está na cédula?

A resposta padrão é que ele tem a visão de consertar a vizinhança, a cidade, o país, e então ele dedica sua vida nobremente ao serviço público, e precisa do seu voto para então ele poder consertar os problemas da sociedade. Ele é um idealista pragmático que sabe que concessões devem ser feitas, mas que continua podendo trazer melhoramentos à sua vida.

Claro, tudo isso não faz nenhum sentido, o que fica muito claro pelo fato de em uma democracia as coisas sempre ficam piores, e não melhores. Os padrões de vida decrescem, as dívidas nacionais explodem, dívidas familiares crescem, taxas de pobreza aumentam, assim como o número de prisões - e ainda assim, eleição após eleição, a ovelha corre às urnas e febrilmente rabisca as suas esperanças em uma cédula e a deposita dentro da urna, certo de que desta vez o jogo vai virar! (Aos que lerem isto no futuro, estamos em meio a "Obama-mania".)

A pergunta permanece - por que este homem está na cédula eleitoral?

Todos nós sabemos que é necessário muito dinheiro e influência para concorrer a qualquer tipo de posto político. A pergunta central é, então: por que as pessoas doam dinheiro a candidatos?

Não falo de uma campanha presidencial nacional, onde obviamente as pessoas doam muito dinheiro aos candidatos na esperança de estarem dando a eles um poder para atingir uma espécie de metas em comum, e por aí vai.

Não, eu quis dizer: de onde vêm o dinheiro para o início da campanha?

Por que iria a indústria farmacêutica, a aeroespacial, companhias de energia, manufaturas, fazendeiros, sindicatos do setor público e outros doam dinheiro e suporte a um candidato?

Claramente estes grupos não estão distribuindo dinheiro puramente por idealismo político, uma vez que estão no negócio para fazer dinheiro, pelo menos para os seus membros. Portanto eles devem doar dinheiro a candidatos em potencial em troca de favores políticos logo adiante - tratamento especial, cortes de impostos, restrições tarifárias nos competidores, contratos com o governo etc.

Em outras palavras, qualquer candidato em que você escolha votar já foi comprado e pago por outros.

Isso soa como uma assertiva estranha e cínica? Talvez - mas é muito fácil descobrir se um candidato já foi comprado ou pago.

Os candidatos sempre irão falar em tons agitados sobre "sacrifício" e tudo mais, mas você certamente já percebeu que nenhum candidato jamais fala especificamente sobre os gastos que irá cortar. Você nunca o ouve dizer que irá balancear o orçamento cortando os gastos em X, Y e Z. Todo o resto ou é redigido em termos abstratos, ou é dirigido a grupos específicos. (Neste momento, o fetiche atual - nos círculos de esquerda - é fingir que 47 milhões de americanos podem ter acesso a saúde "gratuitamente" se o governo diminuir os cortes nos impostos arrecadados de uns poucos bilionários).

Em outras palavras, se você não vê a cabeça de mais ninguém sendo decepada, é porque é a sua que está na guilhotina.

É claro que se o governo realmente quisesse ajudar a economia às custas de algumas pessoas muito ricas, isto simplesmente anularia a dívida nacional - com efeito, declarar falência, e começar tudo de novo.

Por que o governo não faz isso? Porque nunca toca nesse assunto? Temos visto controle nos preços de mercadorias e serviços durante as últimas gerações - por que não simplesmente colocar uma moratória sobre o pagamento de juros sobre a dívida nacional, pelo menos por enquanto?

Bem, a resposta simples é que o governo simplesmente não pode sobreviver sem uma infusão constante de empréstimos, em grande parte de investidores estrangeiros.

Isto é uma pista para você para o quão importante o seu voto realmente é, e como os seus líderes estão preocupados com os seus problemas particulares e pessoais - em relação a, digamos, os interesses dos emprestadores estrangeiros.

Ah, você pode argumentar, mas por que uma companhia farmacêutica, digamos, daria dinheiro a um candidato em potencial, uma vez que nenhum acordo pode ser redigido, e que um candidato em potencial poderia muito bem pegar o dinheiro, e então simplesmente não atender às demandas da empresa farmacêutica quando ele ou ela entrar no poder?

Bem, esta é uma possibilidade distinta, claro, mas tem uma solução simples.

Quando um candidato tem interesse em um posto razoavelmente alto, ele vai em vários lugares pedindo por dinheiro.

Quando você pede para alguém alguns milhares de dólares, naturalmente, a primeira pergunta dele será: "O que você me fará em troca?"

No início de qualquer competição eleitoral, existem vários candidatos. Qualquer um que queira doar dinheiro a um candidato na esperança de receber favores políticos depois apenas doará o dinheiro se acreditar que o candidato irá cumprir com o combinado - o "contrato antissocial", se você preferir.

Na política, assim como nos negócios, credibilidade é eficiência. Aqueles que construíram reputação de manter as promessas acabam fechando negócios em um simples aperto de mãos, o que mantém os seus custos consideravelmente baixos. Nenhum entrante nesse ambiente terá a credibilidade ou histórico para ser capaz de atingir essa eficiência invejável, e então terá de construí-las durante o curso de muitos anos.

Apesar de sabermos com certeza que quando uma companhia dá dinheiro a um candidato político, na expectativa de um retorno em favores no futuro, tal candidato político já detém um excelente histórico. Este tipo de informação será passado adiante em outras comunidades - "Fulano é um homem de palavra" - assim como a reputação de um traficante e a qualidade do seu produto são repassadas adiante em outras comunidades.

Mesmo sabendo que qualquer candidato que receba financiamento significativo de grupos de interesses especiais é um homem que já provou consistentemente possuir "integridade em sua corruptibilidade" no passado - já se ele não tem histórico algum, ou mesmo um histórico inconsistente, ninguém dará a ele dinheiro para começar a campanha.

(Apenas como uma nota lateral, este é um exemplo muito interessante de como o anarquismo irá funcionar - nós não precisamos do Estado para reforçar os contratos, já que o próprio Estado funciona através de contratos implícitos que não podem ser amparados pela lei.

Em outras palavras, toda vez que você ver um nome na cédula, pode ter certeza de que aquele nome representa um homem que já foi comprado e pago durante vários anos, e

que aqueles que pagaram por ele não têm, digamos, os seus melhores interesses em mente.

Mas podemos ir um passo além.

Como todo dinheiro que se move entorno do sistema político deve vir de algum lugar - os milhões de dólares que são dados aos fazendeiros de açúcar como subsídio vem dos contribuintes, por exemplo - podemos ter certeza de que todos os interesses especiais desses grupos são ganhos às suas custas. Companhias farmacêuticas querem uma extensão nas suas patentes para poderem cobrar mais de você. Companhias siderúrgicas nacionais querem aumentar as barreiras contra metal importado para poderem cobrar mais de você. Se um sindicato do governo quer benefícios adicionais, você pagará por isso. Se a polícia quer expandir a guerra às drogas, isto irá lhe custar segurança e dinheiro.

Qualquer um tentando se beneficiar do governo tem uma mão se aproximando do seu bolso.

Assim, é perfeitamente justo e razoável lembrar você de que qualquer nome que você veja na cédula representa o oposto dos seus interesses particulares e pessoais, já que foram comprados por pessoas que querem lhe roubar às cegas.

Outro aspecto desse "democracídio" é a inevitável e constante escalada nos gastos públicos necessária para se manter o poder político.

Tomemos o exemplo de um prefeito concorrendo ao segundo mandato. Quando ele estava competindo pelo primeiro mandato, os trabalhadores do saneamento básico doaram 20 mil dólares para a sua campanha, e em troca lhes foi garantido um aumento de 10%. Agora que ele está concorrendo ao segundo mandato, e não pode dar um aumento de 10%, eles não tem mais motivo para doar à sua campanha. Sendo assim, ou ele terá de oferecer outro benefício à esses trabalhadores, ou terá de criar outro benefício para um grupo diferente para assegurar as suas doações. É por isso que candidatos políticos sempre anunciam novos gastos quando chegam ao poder - gastos estes tendo em vista cumprir as promessas feitas aos grupos de interesse que financiaram a campanha. Um novo estádio, um novo centro de convenções, uma ponte nova, novos programas de artes, programas habitacionais, duplicação de rodovias e por

aí vai - tudo isto inevitavelmente e permanentemente aumenta os gastos governamentais, e são requerimentos para se concorrer a um cargo político.

Agora, os anteriormente citados trabalhadores do saneamento básico irão é claro preferir um aumento de 10% permanente do que uma soma única em dinheiro. Sendo assim eles sempre tentarão negociar um contrato permanente do que continuar a mercê da vontade e caprichos dos seus políticos.

Ao passo que esse processo continua, a proporção de gastos não-discrecionários em qualquer orçamento político só faz crescer. Esta é outra razão pela qual novos gastos devem sempre ser criados com vistas a assegurar as doações. O dinheiro não pode ser alocado de uma área para outra livremente, porque já foi permanentemente comprometido a um grupo em particular em troca de uma contribuição isolada no passado.

Se o prefeito que concorre ao seu segundo mandato tenta dar para trás no aumento de 10% nos salários, com vistas a salvar dinheiro para então oferecer a outrem em troca de contribuições políticas, estaria cometendo suicídio político. Estaria quebrando um contrato assinado livremente, e provocando uma greve muito mau cheirosa - mas para os seus interesses particulares, os efeitos seriam bem piores.

Lembre-se, as pessoas irão doar dinheiro para campanhas políticas baseadas em contratos implícitos de recompensas futuras vindas do tesouro público. Se um candidato tenta voltar atrás e não cumprir o combinado, não só incorrerá em ira dos grupos de interesses, como também será conhecido como um homem que quebra seus "contratos" implícitos e não amparados pela lei. Como o candidato não pode mais ser confiado, as suas doações para campanha diminuirão quase que imediatamente, e a sua carreira política pode ter chegado a um fim.

Claro, ex-políticos são valorizados como lobistas também, mas se um prefeito perde a confiança de um doador, também não poderá ser confiado como tal, o que impactará em sua carreira pós-política de forma significativa.

Finalmente, qualquer candidato político que canalizou dinheiro público para doadores em sua campanha enfrenta o problema da chantagem. Se tenta despistar qualquer um de seus grandes doadores do passado, misteriosos vazamentos da campanha começarão a chegar até a imprensa, falando sobre os frágeis acordos firmados nos bastidores que o

puseram no poder - encerrando assim também a sua carreira política. Todos os outros candidatos irão piedosamente ridicularizar a sua corrupção cínica, ao mesmo tempo em que fazem os seus próprios acordos de bastidores.

(É muito instrutivo notar que dois retratadores fictícios do processo eleitoral - o "The West Wing" e o "The Wire" - repetidamente retratam o candidato implorando por dinheiro, mas nunca antes mostrou porque recebia isso os motivos dos seus doadores. A razão pela qual isso é simples: eles querem retratar um político idealista, e então não podem revelar as razão pelas quais o povo lhe está doando dinheiro. Se a história fictícia era para seguir as inevitáveis "leis" da democracia, essa história seria interrompida abruptamente, ou o personagem central seria revelado muito menos simpático. O candidato pediria por dinheiro, e, em seguida, o doador potencial indicaria a favor que quer em troca. Em seguida, o candidato pode tanto recusar, terminando assim a sua campanha por falta de fundos - ou ele concordaria, assim acabando com qualquer simpatia que possamos ter por ele. Esta verdade básica - como tantas outros em uma sociedade estatista - não pode ser discutido, mesmo em um programa como "The Wire", que não tem problemas em revelar a corrupção em qualquer outro lugar. Um policial pode ser mostrado quebrando os dedos de uma criança, mas a verdadeira natureza do processo político deve ser sempre escondida ...)

Assim, podemos ver que - pelo menos ao nível da economia - a democracia é uma espécie de suicídio em câmera lenta, onde lhe é dito que é a maior virtude cívica é aprovar os que querem lhe roubar.

Eu não quero que este livro se torne uma crítica à democracia - mas sim, como eu disse antes, meu objetivo é simplesmente ajudá-lo a entender a miríade de contradições envolvendo qualquer defesa lógica ou moral de uma sociedade estatal.

Se você não sabe que a sociedade está doente, nunca vai estar interessado em uma cura.

Os Desafios Sociais do Anarquismo

No interesse da eficiência - tanto sua quanto minha - eu decidi manter este livro tão breve quanto possível. Se eu não mostrei pelo menos alguns dos problemas lógicos e morais da nossa forma atual de organizar a sociedade até agora, duvido que ainda serei capaz de fazer.

Se nós aceitarmos que algumas das críticas sobre o estatismo contidas neste pequeno livro são pelos menos possivelmente de alguma forma válidas, uma questão essencial ainda permanece.

Se você consegue entender facilmente as simples e efetivas críticas acima - comparado com, digamos, a matemática por trás da teoria da relatividade - então devemos perguntar:

"Porquê você nunca ouviu falar dessas críticas?"

Essa pergunta tem mais implicações do que você possa perceber.

Se você aceitar a acusação de que a nossa sociedade é atualmente organizada com base nos princípios da violência, controle e punição brutal, mas você nunca tinha ouvido esses argumentos antes, apesar do grande talento de dezenas de milhares de intelectuais bem pagos, professores, especialistas, jornalistas, escritores etc., então deve haver alguma razão - ou uma série de razões - para tal silêncio universal permanecer.

As exigências das provas para levantar teorias surpreendentes devem ser elevadas até o nível que as tornem fáceis de entender. Teorias que são difíceis de entender são aceitas mais facilmente como possivelmente verdadeiras, apenas por serem difíceis. Novas teorias que são fáceis de entender, entretanto, enfrentam uma barreira muito maior, pois devem explicar porque não foram entendidas, discutidas ou disseminadas antes.

Nessa seção final, tratarei sobre o porquê do anarquismo quase nunca ser discutido abertamente - de fato, ele é constantemente desprezado, temido e ridicularizado - e apresentarei o que considero um paradoxo interessante, o nível a que o anarquismo permanece não sendo discutido é exatamente o nível de que o anarquismo indubitavelmente funciona.

Anarquismo e a Academia

Vamos dar uma olhada na academia, principalmente nas Artes, onde o anarquismo poderia ser um tópico em potencial - áreas como Ciência Política, Economia, História, Filosofia, Sociologia etc.

É verdade que alguns poucos intelectuais tenham tido carreiras de sucesso enquanto expressavam simpatia pelo anarquismo - na esquerda, temos o exemplo de Noam Chomsky; no lado libertário, Murray Rothbard. Entretanto, a grande maioria dos acadêmicos simplesmente ignoram o anarquismo sempre que ele surge como uma alternativa viável à sociedade baseada na violência atual.

Para entender isso, a primeira coisa que precisamos reconhecer sobre a academia é que, já que ela é altamente subsidiada pelo governo, a demanda vastamente supera a oferta. Em outras palavras, existem muito mais pessoas querendo se tornar acadêmicas do que existem vagas.

Normalmente o que ocorreria nessa situação - se a academia fosse realmente parte do livre mercado - é que os salários e benefícios diminuiriam até que o equilíbrio fosse alcançado.

Atualmente acadêmicos tem direito à vários meses de férias durante o verão, não trabalham sob carga de aulas opressivas, são praticamente impossíveis de se demitir assim que atingem estabilidade no emprego, gastam seus dias lendo, escrevendo e discutindo ideias (o que muito de nós consideraria um hobby), participam de conferências com todas as despesas pagas, possuem um alto grau de respeito da sociedade, recebem licenças sabáticas, uma repleta gama de benefícios, e podem escolher aposentadorias confortáveis ou envolvimento continuado na academia, como preferirem - e frequentemente já começam recebendo salários de 6 dígitos!

Dado o número de benefícios não monetários envolvidos em ser um acadêmico, em um livre mercado os salários cairiam rapidamente, ou os requisitos do emprego aumentariam. Entretanto, como acadêmicos - particularmente nos Estados Unidos - trabalham sob a proteção de um sindicato altamente subsidiado, isso não acontece.

Visto que esse emprego é tão desejado por tanta gente, o que ocorre é um "mercado de vendedores", onde dezenas de candidatos qualificados brigam por uma vaga. Como a

Angelina Jolie numa boate, aqueles que têm mais a oferecer podem ser altamente exigentes.

Além disso, como acadêmicos não podem ser demitidos, se um diretor de departamento contrata uma pessoa desagradável, criadora de problemas, ou apenas irritante, ele terá que conviver com essa decisão pelos próximos 30 anos. Se o divórcio fosse proibido, as pessoas seriam muito mais cuidadosas ao escolherem seus parceiros.

Essa é uma simples explicação para a exagerada polidez e cordialidade no mundo acadêmico. Pessoas mal-humoradas, ou que fazem perguntas desconfortáveis, ou que raciocinam baseadas em princípios e por isso evitam debates infundáveis, ou cuja posição põe em discussão o valor e a ética daqueles a sua volta, simplesmente não são contratados.

Em um livre mercado, o pensamento original e desafiador seria de grande interesse para os estudantes, que, sem dúvida, pagariam para serem intelectualmente estimuladas dessa forma. No entanto, visto que a maioria do investimento na academia provém do governo, estudantes não possuem praticamente nenhuma influência na contratação de professores.

Vamos imaginar o progresso de um estudante anarquista em busca de uma pós-graduação.

Nas suas aulas de graduação, ele irá incomodar os professores e irritar seus colegas fazendo perguntas desconfortáveis que eles não conseguem responder. Se ele falar a respeito da violência que está no cerne do investimento público, ele será acusado de tremendo hipócrita - o que posso lhe garantir que será - pois está aceitando dinheiro do governo por meio de uma educação subsidiada.

Suas críticas implícitas aos seus professores - que eles são pagos e garantidos através da violência - irão irritá-los. Embora esse anarquista possa aguentar passar pela graduação, ele terá dificuldades em conseguir cartas de recomendação dos seus professores para entrar em uma pós-graduação. Se o professor falar sobre o anarquismo do aluno em sua carta de recomendação, qualquer um avaliando tal carta ficará espantado do porquê tal recomendação estar sendo feita - fazendo as próximas recomendações deste professor perderem valor.

Se o professor que recomenda um anarquista descobre que suas futuras recomendações serão recebidas com receio, essa notícia irá se espalhar rapidamente, tornando fazer um curso com esse professor, ou receber uma recomendação sua conhecido como receber o beijo da morte para qualquer um quer almeje entrar em uma pós-graduação.

Este professor perceberá que as matrículas em seu curso estão misteriosamente caindo, o que não será de grande ajuda para sua carreira, para dizer o mínimo.

Se o professor não mencionar o anarquismo do candidato à pós-graduação, o seu destino se tornará ainda pior, pois ainda mais tempo será desperdiçado entrevistando um candidato que ninguém realmente quer. Aqueles que recebem tal carta de recomendação irão achar impossível de acreditar que o professor não sabia que o anarquismo do aluno era um fator importante, e assim irão considerar sua recomendação como uma forma bizarra de agressão passiva, e será muito mais provável que vejam suas futuras recomendações negativamente.

Então um acadêmico que escreve uma carta de recomendação de um aluno cujas visões são embaraçosas para os outros estará perdendo valor frente aos seus futuros alunos por nenhum benefício claro. Podemos assumir seguramente que um acadêmico que alcançou o nível de professor universitário -- mesmo antes de uma estabilidade - não é uma pessoa que ignora seus interesses de longo prazo.

Mesmo que o aluno anarquista consiga de alguma forma entrar em um programa de mestrado, os mesmos problemas persistirão, mas dessa vez ainda piores que na graduação. Aqueles que estão em um programa de mestrado - particularmente em Artes - estão lá com o objetivo de assegurar uma vaga na academia. Em outras palavras, não estão lá para perseguir o incansável caminho em busca da verdade, mas para agradar seus professores, fazer o tipo de pesquisa que os trarão reconhecimento, e conseguir o tipo de aprovação dos seus superiores que irá ajudá-los a subir na carreira.

Quando o anarquista começar a falar sobre suas teorias, irá enfrentar hostilidade passiva ou agressiva daqueles à sua volta, que verão ele como um irritante e contraproducente desperdício de tempo. Se suas teorias são ou não verdadeiras não é importante - a verdade é que as suas teorias interferem diretamente com a busca do sucesso acadêmico, o motivo das pessoas estarem na sala de aula em primeiro lugar.

E como o anarquista alega ter o poder de enxergar através do verniz do proclamado auto-interesse para as reais motivações por trás disso - e não vê as motivações básicas daqueles à sua volta na graduação - ele também será visto como obstinadamente cego. "Você deveria acreditar na verdade", ele dirá, sem perceber que esses aspirantes a acadêmicos não estão lá pela busca da verdade, e sim para conseguir um emprego na academia. Em outras palavras, ele está evitando a verdade tanto quanto os outros.

Além disso, por estar continuamente lembrando as pessoas de que a sociedade atual em geral - e a academia em particular - é baseada na violência, o anarquista está ativamente ofendendo e insultando todos à sua volta. Poucas pessoas conseguem absorver a acusação moral desde cegueira até maldade e corrupção e reagir com mente aberta e curiosidade.

Se o anarquista estiver certo, então os professores são corruptos, e os aspirantes à entrar na academia deveriam abandonar suas áreas e ir para o setor privado, ou se tornarem autônomos, ou algo nessa linha. Entretanto, estas pessoas já investiram anos de suas vidas e centenas de milhares de dólares na busca por um emprego na academia. Eles obviamente não querem um emprego no setor privado, já que estão numa pós-graduação em Artes - e se eles realmente abandonarem o mestrado, uma grande parte do valor que acumularam irá desaparecer.

Poderíamos analisar esse processo por muito mais tempo, mas terminaremos com um ponto.

Vamos imaginar que um professor com estabilidade leia este livro e concorde pelo menos com a potencial validade de alguns dos argumentos contidos nele. Ele não precisa se preocupar em ser demitido, porque então não faz estes questionamentos entre seus colegas?

Bem, porque essas visões irão desacreditá-lo entre seus colegas, mostrar o que eles considerariam um "mau julgamento" (e de certa forma eles não estariam errados!) e isso poderia diminuir suas chances de publicar artigos, falar em conferências, atrair estudantes e desfrutar de um ambiente de trabalho alegre com seus pares.

Ele iria então prejudicar sua carreira e seus interesses, sem mudar a mente de ninguém em respeito ao anarquismo - por que alguém iria querer seguir tal caminho?

Quando um ambiente é corrupto, o auto-interesse racional é automaticamente e irremediavelmente corrompido também. Podemos ver isso claramente na política, mas é mais difícil enxergá-lo no mundo da academia.

Antes de iniciar este capítulo, eu disse que apresentaria um interessante paradoxo, que é o nível a que o anarquismo permanece não sendo discutido é exatamente o nível de que o anarquismo indubitavelmente funciona.

O anarquismo é fundamentado no princípio real básico de que a violência não é necessária para organizar a sociedade. Violência na forma de autodefesa é aceitável, claro, mas a iniciação do uso da força não é apenas moralmente mal, mas contraproducente de um ponto de vista pragmático também.

Anarquismo - pelo menos da forma como eu o abordo - não é uma forma de pacifismo rígido que rejeita qualquer resposta coerciva à violência. Minha formulação de sociedade anarquista é uma onde existiriam mecanismos poderosos e perfeitamente capazes de lidar com a criminalidade, na ausência de um grupo criminal centralizado chamado Estado. De fato, uma sociedade anarquista irá sem dúvida lidar com os problemas da criminalidade de uma forma muito mais proativa e benéfica que atualmente, que na realidade provoca muito mais violência do que reduz.

Anarquistas reconhecem o poder dos contratos sociais implícitos e voluntários, e o poder dos incentivos positivos como a de uma carreira de sucesso e os incentivos negativos como a desaprovação social, exclusão econômica e completo ostracismo.

Então de uma forma muito interessante, quanto mais os anarquistas são excluídos da discussão, maior é a crença que os anarquistas podem ter da viabilidade das suas soluções.

No mundo da academia obviamente não existe um comitê central coercivo que irá atacar ou prender qualquer um que trate o anarquismo de uma forma positiva - não existe um "Estado" na universidade, entretanto, as "regras" são universalmente respeitadas e cumpridas, espontaneamente, sem planejamento, sem coordenação - e sem violência!

Esta ironia se torna ainda maior no campo da política, onde os "contratos" implícitos dos acordos dos bastidores políticos são universalmente cumpridos através do processo de

seleção positiva em favor da corrupção, onde aqueles que não "retribuem" favores com dinheiro público são automaticamente removidos do sistema.

Logo, tanto a academia quanto o próprio Estado funcionam sob princípios anarquistas, que são a auto-organização espontânea e execução de regras implícitas sem uso da violência.

Uma sociedade verdadeiramente sem Estado, em que tais regras pudessem se tornar explícitas e abertamente contratuais, funcionaria de forma ainda mais eficiente.

Em outras palavras, se o anarquismo fosse abertamente discutido em uma academia financiada pelo governo, seria bem provável que o anarquismo não funcionasse na prática.

Se a corrupção informal da democracia não "funcionasse" tão bem, isso seria um balde de água fria contra a eficácia prática do anarquismo.

Acadêmicos e Voluntarismo

Acadêmicos enfrentam um enorme desafio – particularmente em economia – que é a acusação de serem hipócritas.

Economistas estão próximos de serem universais em seu apoio ao livre comércio, ainda, claro, a maioria dos economistas trabalhe financiada pelo Estado ou apoiada pelo Estado em instituições como as universidades, o Banco Mundial, o FMI, entre outras – e em particular na academia, são defendidas as enormes barreiras para adentrar o protecionismo institucionalizado e protegerem-se das forças do mercado através da posse.

Economistas têm numerosas e sofisticadas respostas para o porquê, se voluntarismo e livre mercado são tão bons, deles especificamente excluírem-se do push and pull do livre mercado.

Primeiro, acadêmicos vão argumentar, a verdade de uma proposição não é determinada pela integridade do proponente (se Hitler diz que dois mais dois é quatro, não podemos sensatamente nos opor a ele dizendo que ele é mau). Segundo, muitos acadêmicos dirão

que eles meramente herdaram o sistema de acadêmicos precedentes e que eles possuíam essa visão do livre mercado antes de alcançarem o título. Terceiro, eles podem argumentar que eles enfrentam a possibilidade de desemprego, embora improvável, do departamento fechar, etc.

Todos esses são interessantes argumentos e merecem nossa atenção, penso eu, mas são fundamentalmente irrelevantes para a questão acadêmica.

É uma defesa comum de intelectuais hipócritas dizer que seus argumentos não podem ser julgados por seus próprios comportamentos contraditórios, mas devem ser vistos por seus próprios méritos – mas esse argumento de fato torna-se bastante cansativo com o tempo.

Para compreender o que quero dizer, imaginemos um homem chamado Bob que alega que seu único objetivo profissional na vida é motivar os outros a perderem peso seguindo a sua dieta. Ele continuamente proclama que é muito importante ser magro e que somente por sua dieta pode atingir-se a magreza – mas estranhamente Bob permanece na obesidade mórbida!

É certamente verdadeiro que não podemos absolutamente julgar a eficácia e o valor da dieta de Bob apenas pelo seu próprio peso – mas podemos empiricamente julgar que talvez Bob não acredite na eficácia e no valor de sua própria dieta.

A vida é curta e quanto mais rápido pudermos fazer decisões apuradas, melhor estaremos.

Imagine que, esta noite, um desgrenhado e mau cheiroso homem para você na rua e lhe oferece seus serviços como um consultor financeiro, mas ele lhe diz que não pode receber suas ligações telefônicas porque depois de ele ter declarado suas falência, foi forçado a viver em seu carro. É certo, lógico e verdadeiro que não podemos empiricamente usar a situação dele para julgar o valor de sua consultoria financeira – mas podemos deduzir o seguinte: ele seguiu sua própria consultoria financeira, o que claramente resultou num desastre, ou ele não seguiu, o que significa que ele não acredita na credibilidade e no valor dela.

Portanto, baseado em princípios de mera eficiência, você nunca contrataria um mendigo como seu confiável consultor financeiro – também pelo fato de ele parecer completamente

cego para o efeito que ele chegou da sua própria credibilidade. Ele não reconhece como você o verá, baseado em sua apresentação? Se ele não perceber como ele aparenta para você, isso também indica uma quase completa desconexão com a realidade. Da mesma forma, se eu me apresentar em uma entrevista de emprego vestindo apenas um par de roupas de baixo, dois pregadores e uma peneira, é claramente verdade que a minha escolha de roupa não pode ser usada para julgar a qualidade de meu conhecimento profissional – mas certamente nesse caso que meu julgamento por completo pode ser colocado em questão, para não dizer pior.

Se você não segue seu próprio conselho, eu não posso ipso facto usar isso para julgar seu aviso como incorreto, mas certamente posso julgar que você acredita que seu argumento está incorreto e fazer uma completa e racional decisão quanto ao valor dele, então.

Acadêmicos levantam que seus ensinamentos devem ter algum efeito exterior no mundo. Nenhuma escola de medicina ensina a anatomia Klingon, porque tal “conhecimento” não teria efeito algum no mundo.

Economistas ensinam ideias para que soluções melhores possam ser implementadas no mundo real, que sabemos porque eles constantemente reclamam que governos ignoram seus conselhos econômicos. Em outras palavras, eles são frustrados porque políticos constantemente escolhem objetivos pessoais de carreira em vez de objetivamente escolherem valiosas ações e decisões.

Se estou tentando vender um livro de dieta e sou morbidamente obeso, obviamente isso atrapalha a minha credibilidade. Qual é o melhor jeito, então, para eu aumentar minha credibilidade? É melhor para mim infinitamente reclamar que as outras pessoas não parecem acreditar em minha dieta?

Claro que não.

A simples solução para mim é eu aplicar meus esforços para aquilo em que eu realmente tenho controle – minha própria alimentação – e parar de perturbar os outros para fazer aquilo que eu obviamente não quero fazer.

Deste modo, eu posso realmente obter maior credibilidade do que eu teria se eu fosse naturalmente magro desde o princípio. Já que a maioria das pessoas que querem uma

dieta estão acima do peso, é claro que um homem que perde muito peso – e se mantém assim – seguindo sua dieta tem ainda maior credibilidade!

Como isso se traduz para o meio acadêmico?

Bem, quase todos os economistas aceitam que o livre mercado é a melhor forma de organizar interações econômicas – portanto, eles têm uma enorme coletividade vantajosa de compartilhar ideias comuns, o que é o pouco caso que os políticos e outros grupos criticados por economistas fazem de implantar o livre comércio.

Se os economistas acreditam que o voluntarismo de livre mercado é a melhor forma de organizar interações econômicas – e claramente eles têm mais controle sobre sua própria profissão do que têm sobre o governo – então eles deveriam trabalhar tão duro quanto puderem para aplicar aqueles princípios em sua própria profissão. Para perderem seu próprio excesso de peso, então para falar, ao invés de perturbar outras pessoas para seguirem a dieta que eles mesmos rejeitam.

Assim, em vez de palestras sobre as virtudes e os valores de um livre mercado voluntário – com claro objetivo de mudar o comportamento alheio – economistas deveriam unir-se e mudar sua própria profissão para refletir os valores que eles esperam que os outros sigam.

Dessa forma, eles podem fazer todas as pesquisas, manter meticulosas notas e publicar artigos descrevendo o processo de fazer uma organização para reformar a si mesma de acordo com os valores comumente aceitos por seus membros. As armadilhas e os desafios de atingir tão nobre final seria merecidamente documentado como um guia para auxiliar os outros.

Além disso, uma vez que economistas acreditam que o livre mercado aumenta a qualidade e a produtividade, eles poderiam, como um grupo, avaliar a qualidade e a produtividade da profissão econômica antes e após a introdução do livre mercado e do voluntarismo. Isso seria enormemente valioso como corpo de pesquisa e seria empiricamente apoiado o caso de ruir com o protecionismo em uma profissão.

Uma vez que acadêmicos querem muito um efeito no mundo exterior, de longe a melhor forma de atingir esse objetivo é reformando sua própria profissão para refletir os valores que eles já professam e seguram com um grupo. Eles podem trazer sua própria

experiência – para não mencionar integridade – para suportar desafios muito maiores de ajudar governos e outras organizações a reformarem-se si mesmos.

É muito fascinante que economistas – para o meu limitado conhecimento pelo menos – tenham produzido virtualmente infinitos estudos sobre os efeitos negativos do protecionismo em todos os campos concebíveis exceto o seu próprio.

Se economistas realmente entrarem no desafio de reformar sua própria profissão de acordo com seus valores aceitos em comum, talvez tal revolução seja bem sucedida, ou talvez não.

Se a revolução vingar, acadêmicos terão o entendimento teórico, evidências empíricas e credibilidade profissional para trazer o caso do livre comércio para os outros, com uma grande chance de ser bem-sucedida.

Se a revolução não vingar, então claramente economistas teriam de abrir mão da pretensão de que seus argumentos poderiam ter efeitos no mundo exterior e poderiam começar o processo de dismantelar sua própria profissão, uma vez que isso seria revelado como pouco mais que uma fraude – a “venda” de uma dieta que foi impossível seguir.

Se economistas não podem atingir conformidade em seus valores em sua própria profissão, em que eles compartilham muitas metodologias similares, têm os mesmos objetivos e falam a mesma linguagem, então claramente questionar outras profissões – com obstáculos muito maiores – para reformá-las a si mesmas é ridiculamente hipócrita e fundamentalmente falso.

Eu estou convicto de que economistas têm muita integridade pessoal e profissional para levar dinheiro às soluções “veneno de cobra” que nunca poderão ser implementadas.

Portanto eu ansiosamente aguardo que esses economistas seguindo seus próprios conselhos e reformando sua própria profissão, a qual eles realmente controlam, a fim de mostrar aos outros que isso pode ser feito – e como isso pode ser feito – e para, como um grupo, verdadeiramente atingir os objetivos que eles tão nobremente professam como sua própria motivação.

O que você acha a respeito das chances de isso acontecer?

É por isso que você nunca ouviu falar de anarquismo.

Anarquismo e Socialização

Seres humanos são constituídos – e de forma alguma eu penso que isso é algo ruim, claro – para serem requintadamente bons em negociações de cenários de custo/benefício. Essa habilidade é fundamental para todas as formas orgânicas de vida, aquelas que são mal sucedidas em calcular esse cenário são rapidamente excluídas do conjunto de genes – mas humanos possuem essa habilidade em um estupidamente brilhante nível conceitual.

Se você chegou até aqui neste livro, posso dizer pelo menos uma coisa sobre você. Obviamente você é uma mente curiosa e aberta e largamente não se ofende por argumentos originais, tão longe eles rivalizam pela racionalidade. Eu firmemente duvido que você esteja na academia – ou, se você está, eu suponho que prolixos, obtusos e condescendentes ataques aos meus argumentos apareçam na minha caixa de entrada, ou no seu blog, em algumas horas.

Potencial acadêmicos têm sido, em minha experiência, irremediavelmente hostis àquilo que eu faço porque os coloca em uma requintada e tortuosa posição (esse é, em particular, o caso com o meu livro “Universally Preferable Behavior: A Rational Proof of Secular Ethics”).

Acadêmicos wannabe devem acreditar que eles são motivados pela procura da verdade, não do título. Dado que eles têm de congregar-se com seus mestres acadêmicos, eles devem ainda acreditar que seus professores são motivados pela busca da verdade também, não pelo poder, pelo dinheiro e pelo título. Nós podemos honrosamente submeter-nos a um professor amoral.

Se acadêmicos estão pela busca da verdade, então minha particular contribuição para o campo devia ser, no mínimo, angariar algum interesse, se apenas pelo sucesso atingi leigos. Contudo, um wannabe graduando irá enfrentar ansiedade até mesmo no pensamento de trazer algum de meus trabalhos aos seus professores, ele será minado do consecutivo progresso em sua carreira acadêmica.

Portanto o que faço é tortuoso, particularmente para os estudantes de graduação, porque isso revela a eles a básica realidade da academia, que não é amplamente a busca da verdade, mas antes sobre o arranjo de influência e benefício e a busca de objetivos de carreira – inevitavelmente, à custa da própria verdade.

Quando isso é revelado, o longo trecho enfadonho de meia década ou mais exigido para perseguir e atingir um Ph.D. torna-se um deserto que verdadeiramente parece muito largo para cruzar. A ansiedade e o desespero que meu trabalho evoca criam medo e hostilidade – e é muito fácil tirar isso de mim para questionar ou criticar o sistema acadêmico ou os professores que aprovam esses heróis morais de que dependem.

Além disso, questionar o teto moral do sistema em que eles estão inseridos iria simplesmente ejetá-los desse sistema (como a teoria anarquista iria predizer) e iria de forma alguma reformar o sistema ou mudar a mente de alguém sobre isso, ou aprimorar as qualidades do ensino. Então aqueles que reclamam serão inevitavelmente falar a si mesmos a confortante mentira de que o sistema é falho, reconhecido, mas deixá-lo seria abandonar um posto, então de falar e a prática e moral coisa a fazer é lutar através e aprimorar a qualidade do ensino como melhor puder para o futuro.

É claro que isso tudo é completamente impossível, mas uma tentadora mitologia que ajuda o sono de um graduando comum para dormir à noite.

A razão pela qual estou falando sobre esse tipo de cálculos é porque nós enfrentamos essa escolha na vida quando somos apresentados com um argumento surpreendente e imprevisível que não podemos dismantelar. Nossa verdadeiramente brilhante habilidade de processar cenários de custo/benefício imediatamente chuta uma série de silogismos como os seguintes:

- Argumentos anarquistas são válidos MAS...
- Eu nunca terei nenhuma influência na eliminação do Estado no meu tempo de vida;
- Eu irei alienar, frustrar e desorientar aqueles a minha volta apresentando esses argumentos;
- Eu nunca terei influência alguma sobre o pensamentos das pessoas a minha volta;
- Se as pessoas têm de escolher entre a verdade que trago e suas próprias ilusões, eles irão abandonar a verdade e a mim sem nem olhar para trás.

- Portanto, eu vou alienar em mesmo em mim, por uma questão de um objetivo que nunca irei atingir.

Esse tipo de cálculo lampeja rapidamente em nossas mentes, resultando em irritação em relação aos argumentos que nunca podem ser diretamente expressos e medo de qualquer investigação maior da verdade das relações sociais e profissionais.

A sociedade realmente é um ecossistema de premissas ou argumentos acordados, usualmente baseados na tradição. Aqueles que aceitam a “verdade” desses argumentos encontram seu curso prático pela existência facilitada da estrutura social; eles não perguntam às pessoas o que elas realmente pensam, eles não desconfortam os outros com verdades desconfortáveis e, portanto, o que passa para o discurso no mundo assemelha-se mais a dois espelhos frente a frente – uma limitada infinidade de reflexão vazia, se você perdoar a metáfora.

Quando uma nova ideia tenta adentrar a corrente sanguínea intelectual da sociedade, por assim dizer, aqueles que fizeram suas apostas na continuidade da crença existente reagem como qualquer sistema biológico de defesa iria reagir, uma combinação de ataque e isolamento.

Quando você pega uma infecção, seu sistema imunológico primeiro tentará eliminar a bactéria; se isso não é possível de ser feito, o sistema tentará isolá-la formando uma casca ou cisto em volta da infecção.

De forma similar, quando uma nova ideia “infecta” o existente ecossistema do pensamento social, os intelectuais primeiro tentarão ignorá-la, mas então tentarão “eliminá-la” usando uma variedade manipulativa de truques emocionais, como desdém, virar os olhos, risos sônicos, agressão, insultos, condescendência, ataques ad hominem, etc.

Se essas táticas agressivas não funcionarem por alguma razão, então a posição de resguarda é uma rígida tentativa de “isolar” aqueles que apoiam o novo paradigma.

Essas táticas são tão estupendamente efetivas que centenas ou milhares de anos podem passar entre significantes novos movimentos e realizações intelectuais. O último grande salto para a frente no pensamento ocidental, isso pode ser argumentado, ocorreu em meados do tempo do iluminismo, algumas centenas de anos atrás, quando novas ideias

de livre mercado e o poder e a validade do método científico emergiram. (“Democracia” e a “separação entre Estado e Igreja” não eram novos conceitos, mas heranças do interesse de expansão da jurisprudência romana que emergiu após o século XIV com o ressurgimento das cidades e a subsequente necessidade de mais compreensivas e detalhadas leis civis.) Desde então, houveram dramáticos aumentos nas liberdades pessoais – notavelmente, a abolição da escravatura e a expansão dos direitos de propriedade para as mulheres, mas no século XX, muitos dos “novos” desenvolvimentos no pensamento humano tenderam para retrocessos tribais, teorias irracionais e más na prática, como o fascismo, o comunismo, o socialismo, o coletivismo, etc.

A sociedade “sobrevive” aceitando um conjunto bastante rígido de axiomas. Se as pessoas começarem a criticar esses axiomas, elas são primeiro ignoradas, depois atacadas e então isoladas. Indivíduos quase não têm capacidade para derrubar o âmago desses axiomas em suas próprias vidas – e, portanto, é necessária alguma dedicação “irracional” à verdade e à razão para esse curso.

Isso é mais uma coisa que sei sobre você...

Sócrates descreveu a si mesmo como uma “mosca” que zunia em volta da sociedade importunando-a através de seu persistente questionamento – mas ele em si mesmo era incomodado por uma “mosca” interna que constantemente resmungava a ele os mesmos problemas.

Dado o extraordinariamente alto diploma do desconforto que é gerado por questionar os axiomas sociais, eu tenho certeza de que você também está possesso por um desses “demônios socráticos” internos que não lhe deixarão inerte perante a irracionalidade, ou permanecer contente com pseudo-respostas para questões essenciais.

Agora que eu abri pelo menos a possibilidade de tais questões aparecerem em sua mente, eu sei que você se manterá retornando a elas, quase involuntariamente, revirando-as, em busca de fragilidade – por causa de um tipo de obsessão que você tem, ou mania, de consistência com razão e evidência.

Há pouquíssimos de nós que, em um cenário ralwsiano, se curvariam diante do aparecimento e exigiriam a concessão desse tipo de dedicação obsessiva compulsiva à verdade filosófica. Devido a esse grau de inconveniência social, os resultantes ansiedade, hostilidade e isolamento, e a quase certeza de que não viveremos para ver a verdade que

conhecemos aceita amplamente, mostra-se quase um masoquismo retomar os argumentos que todos aceitam como provado e moral. Nós podemos também ser detetives policiais questionando um caso com 200 testemunhas, uma confissão e uma arma fumegante. Assim como esse detetive seria visto como aborrecedor, irracional e estranho...

Bem, estou certo de que você captou a imagem, porque você vive nessa imagem.

Portanto, em tentativa de responder a questão de porque essas ideias, embora racional e relativamente simples de entender, permanece não mencionada e não examinada, podemos ver que qualquer cálculo puramente prático dos custos e benefícios de trazer esses assuntos à tona, seja em meio acadêmico ou em meio ao círculo social de alguém, conduziria qualquer pessoa racional a evitar esses pensamentos pela mesma razão que nos faria dar a uma sibilante cobra um amplo espaço.

É claro que a razão da sociedade progredir é porque todo homem e mulher pensantes pagam pelo menos um superficial serviço labial aos princípios da razão e da evidência.

A corrupção e falsificação do discurso social que inevitavelmente resulta de um intelectualismo fundado no Estado representa enormemente uma poderosa e aparentemente esmagadora “frente” que pode manter para sempre um exame racional de premissas centrais da abertura.

Infelizmente para os acadêmicos – embora felizmente para nós – o advento da Internet foi um passo para diminuir o isolamento, então aqueles de nós dedicados à “verdade a todo custo” não poderá nunca ser isolado da interação social, mesmo que estejamos satisfeitos com a pequena intimidade dos relacionamentos digitais.

Enquanto que no passado eu teria de tolerar uma distorção e fútil isolamento daqueles em minha volta, o que teria muito provavelmente destruído meus espírito e desejo pela “verdade a todo custo”, eu agora posso conversar livremente com pessoas de mentalidade semelhante a qualquer hora, dia ou noite.

O custo da “verdade a todo custo” tem portanto diminuído consideravelmente, fazendo com que a busca fique mais atrativa.

Anarquismo e Integridade

Sem dúvidas, não há um jeito concebível de fazer o caso que você deveria examinar ou explorar a anarquia a fim de atingir objetivos anarquistas em um nível político. O que seria como exigir de Francis Bacon, o fundador do método científico moderno, que perseguisse suas ideias a fim de assegurar financiamento para um acelerador de partículas.

Quando eu era mais novo, estudei cênicas e dramaturgia por dois anos no National Theater School em Montreal, Canadá. Em nosso primeiro dia, nós, tespianos impacientes, fomos avisados de que se pudéssemos estar felizes fazendo qualquer coisa que não atuar, deveríamos fazer aquela outra coisa. Atuar é uma carreira tão irracional que buscar aquele cálculo de custos e benefícios iria persuadir qualquer um naquela direção.

Da mesma forma, se você pode ficar feliz e contente sem examinar os pressupostos essenciais assumidos por aqueles em seu entorno, eu sugiro fortemente que você nunca mostre a ninguém o conteúdo desse livro e olhe para o que está escrito por aqui como um mero não-ortodoxo exercício intelectual, como examinar a jogabilidade que pode resultar de regras alternativas de xadrez.

Se é o caso, porém, de você ter paixão pela verdade – ou, como isso costuma ser sentido, que a verdade tem uma constante paixão por você – então o descontentamento e alienação que você sempre sentira podem ser proveitosamente aliviados através de uma exploração pela verdade filosófica.

Uma vez que começamos a contra-interrogar nossas próprias crenças centrais – os preconceitos que herdamos da história – nós vamos inevitavelmente enfrentar a simulada indiferença, aberta hostilidade e condescendente desprezo daqueles em nosso entorno, particularmente aqueles que alegam ter especialidade no ramo que exploramos.

Isso pode ser doloroso e desconcertante, é verdade – por outro lado, entretanto, uma vez que desenvolvemos um verdadeiro profundo e íntimo relacionamento com a verdade – e então, realmente, com nós mesmos – nós nos encontraremos quase involuntariamente olhando para trás para nossos próprios relacionamentos anteriores e verdadeiramente vendo pela primeira vez a superficialidade e evasão que caracteriza nossas interações. Não podemos nunca estar mais próximos de outros do que de nós mesmos, e não podemos nunca estar mais próximos de nós mesmos do que da verdade – a verdade nos

conduz a autenticidade pessoal; autenticidade nos conduz a intimidade, que é o maior prazer em relações humanas.

Então enquanto for verdade que muitas pessoas superficiais passarão por nossas vidas quando perseguimos a “verdade a todo custo”, será igualmente verdade que transversalmente ao deserto do isolamento existe uma pequena vila – que não é ainda uma cidade, nem mesmo uma metrópole – cheia de honestas e apaixonadas almas, onde amor e amizade podem florescer sem hipocrisia, egoísmo e negligência, onde curiosidade e prazerosa auto-expressão flui com facilidade, onde o prazer da honestidade e a fundamental tranquilidade da fácil autocrítica unifica nossa feliz tribo na busca e obtenção da verdade.

A estrada para essa vila é seca, e longa, e pedregosa, e difícil.

Eu realmente espero que você se junte a nós.

Posfácio

Eu agradeço a você por ter tomado seu tempo para ler este pequeno livro. Espero que eu tenha incentivado qualquer interesse que existisse em você em explorar o universo fascinante da anarquia.

Se você estiver interessado em estudar mais a fundo essas ideias - particularmente em relação a como funcionaria uma sociedade anarquista - você deverá gostar de alguns dos primeiros podcasts da Freedomain Radio, que estão disponíveis em www.freedomainradio.com.

O feed de RSS desses podcasts é o <http://feeds.feedburner.com/FreedomainRadio>.

Para mais livros gratuitos (em inglês), visite o www.freedomainradio.com/free.html.

Se tiver gostado deste livro, por favor faça uma doação em www.freedomainradio.com/donate.html.